

A ESCOLA

Revista do Gremio dos Professores Publicos do Estado do Paraná

Epistolas pedagogicas

IV

Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. João Candido Ferreira,
digno Presidente do Estado.

Meo Illustre Concidadão.

Não sei mentir e não mentiria si começasse esta epistola por uma longa tirada em louvor do vosso patriotismo ; mas, isso poderia parecer uma dessas usuaes bajulações muito vossas conhecidas...

O vosso governo (sei eu) não é, não póde, nem deve ser indifferente a questões relativas á educação popular. E' disso que vou tratar. Se me confiastes a direcção interina da aula de Pedagogia da Escola Normal, é certo que não me julgaes de todo destituído de competencia para escrever estas epistolas ; ouso pois, esperar que me dispensareis alguns momentos de attenção.

Os homens não podendo viver isolados, formaram grupos sociaes (familia, tribu, nação) e para isso foi necessario que cada individuo, em favor da collectividade, abrisse mão de algumas parcelas de elementos de vida. Associando-se, porem, as individualidades não devem desaparecer, absorvidas pela sociedade : os individuos, associando os seus esforços para um fim, tornam fatalmente mais intensos e mais extensos os resultados da acção, de modo que cada um deve receber, directa ou indirectamente, farta compensação do que despendeo em prol da collectividade : a sociedade deve pois ser um factor de vida e não um factor de morte da actividade espirital. Portanto é claro que augmentados e estimulados os meios de acção do individuo, a sociedade só tem a lucrar ; diminuida e amortecida a actividade individual o organismo social sentir-se-á abatido. O progresso social, sendo effeito da acção dos individuos, devem os governos fomentar a actividade destes : duas forças que se auxiliam e se completam, — o individuo e a sociedade.

Assim comprehendo eu o estado hygico do organismo social : o que não for isto é um estado morbido.

Como é natural, os individuos não são eguaes ; por isso uns agem mais, outros menos, outros nada. Seria uma sociedade ideal aquella em que todos os individuos agissem com grande energia ; é feliz a sociedade em que predominam os homens de acção e principalmente os de iniciativa propria ; infeliz, anemica, aquella onde a inação predomina ; está morta a sociedade onde ninguem age. Se viver é lutar, quanto mais luta mais vida.

Não raro, nas sociedades ha individuos que tendem a adquirir habitos de passividade, tornam-se incolores, incapazes de agir por iniciativa propria e por fim mesmo por iniciativa de outrem.

Não esqueçamos que esse mal é susceptivel de se propagar pela incitação; que pode chegar ao ponto de suffocar no nascedouro qualquer boa tendencia em contrario; que pode mesmo arrastar para a descrença, para o desanimo, para a estagnação, os mais energicos combatentes.

Ha em nosso organismo social symptomas desse mal? Eu penso que sim; haverá quem diga que não. Mas não façamos questão disso... E' certo que, para prevenir ou para remediar, medidas seguras devem ser postas em pratica: se o mal ainda não começou a invadir o nosso organismo social, tanto melhor; mas previnamo-nos contra elle, porque, pelo menos, é certo que estamos delle seriamente ameaçados. Felizmente, como hygiene ou como therapeutica, neste caso o caminho a seguir é o mesmo: estimular por meio de leis e instituições de protecção e garantia a actividade individual dos cidadãos de hoje; educar as creanças no sentido de formar homens de character, dignos, aptos, energicos, resolutos, consciences, para, com vantagem, aos luctadores de hoje succederem os de amanhã; em summa, aperfeiçoar o individuo para aperfeiçoar a collectividade. Por esse caminho o Japão e os Estados Unidos attingiram a culminante prosperidade que todos admiramos.

A educação é a chave para a solução do problema do futuro. Mas abandonemos a rotina que, de ferula em punho, estabelece como regra inflexivel a obediencia cega, o desprendimento das cousas mundanas, o apêgo incondicional ás tradições, a crença sem exame... Combatamos esse systema enervador cujo ideal no dizer de um pensador insigne, «est négatif plutôt que positif, passif plutôt qu'actif, l'innocence plutôt que la grandeur, l'abstinence du mal plutôt que la poursuite du bien; dans ses préceptes, comme on l'a très bien dit, *le tu ne feras* domine, *le tu feras*;» impor a passividade, a inacção em nome de Deos,—principio creador, principio vital e activo por excellencia, é a maior das incongruencias....

Estendamos os nossos cuidados, especialmente e antes de tudo, á educação da mulher; a mãe é o primeiro guia dos nossos primeiros passos; é preciso que os futuros cidadãos tenham bebido no leite materno o germen da mascula energia de que elles precisam para agir. A mulher brasileira nada tem a invejar da pureza de sentimentos das mulheres de outras nações e de outras raças. Mas, educada para o recato, para a meiguice, para o carinho, brilhando nos salões, enchendo o lar de amor, ella, em regra geral, não está preparada para ser a columna forte da familia, quando fallece o esposo: rica—ella precisa de quem administre seos bens, sob pena de perdê-los; pobre,—ella tem de arrimar-se a parentes e protectores ou de obter pensão dos cofres publicos ou de pedir esmolas ou de... Rara, infelizmente, a mulher brasileira que tem energia para lutar, como chefe de familia. E' defeito de educação, simplesmente.

Precisamos, pois, dar á mulher uma educação mais pratica e utilitaria ; é preciso que em futuro proximo, não possamos repetir com um escriptor que a mulher brasileira é como uma planta de estufa que se fana ao contacto do ar livre : façamos della uma planta capaz de offerecer resistencia a todas as rajadas da adversidade.

As escolas publicas, dirigidas convenientemente, são capazes de operar essa remodelação : ellas não são poucas ; mas, já insufficientes, tem de multiplicar-se e hão de multiplicar-se ainda mais e mais na proporção do augmento da nossa população. Ha entretanto uma classe importantissima,—attendei bem—, a mais numerosa da sociedade—o operariado— que, devido as circumstancias peculiares de sua vida, não pode auferir os beneficios da instrucção publica. Em geral, os operarios, entre nós, não puderam em creança frequentar escolas porque, desde tenra idade, durante o dia, tiveram de acompanhar seos paes no trabalho ou de trabalhar por si, para ajudar a prover a subsistencia dos seos ; os seos filhos seguem naturalmente o mesmo caminho e assim successivamente.

E' bello que as creanças desde cedo se exercitem assim no trabalho, é um meio nobilissimo de educação ; mas essa educação não basta para formar o cidadão ; falta a escola, para que não se perpetue o analphabetismo na maior parte do nosso povo.

E' possivel remediar esse mal ? — Sim, pelo menos parcialmente e principalmente nas cidades. Estão as escolas abertas só durante algumas horas do dia. Porque não as abriremos tambem durante algumas horas da noite (das 6 ás 9, no inverno, das 7 ás 10 no verão, por exemplo), para o ensino de operarios menores — umas, de operarios adultos —outras, sendo o professor da noite o mesmo do dia ? Queixam-se estes de augmento de trabalho...—Queixar-se-ão ainda se lhes for accrescida uma gratificação *pro labore* ?

A educação intellectual e a moral ministradas assim, á noite, nas escolas, mais pratica do que theoreticamente, com a maior adaptação possivel ás necessidades do operariado, serão um bem inestimavel.

Falando do character pratico de que deve revestir-se a educação, robustecendo a actividade individual, não devo deixar, ainda, que de leve, de alludir ao ensino profissional.

O ensino profissional só pode ser ministrado convenientemente em estabelecimentos especiaes ; a escola publica, porem, indicando as applicações praticas de cada uma das disciplinas ao commercio e ás demais profissões, desempenha papel importantissimo despertando as vocações e habilitando a creança á escolha reflectida, consciente, acertada de uma profissão.

O curso profissional, em estabelecimento a isso especialmente destinado, suppõe escolhida a profissão, não havendo hoje quem ponha em duvida a necessidade de ser essa escolha feita livremente pelo proprio individuo, de accordo com o seo temperamento, com a sua vocação.

Ha, entretanto um ramo de actividade em condições excepçio-

naes, e que, por natureza, se impõe a todas as vocações, por que reúne a maior somma possível de requisitos para tornar a vida feliz—a AGRICULTURA. Noções rudimentares de economia rural; noções rudimentares de physica, de chimica e de historia natural em suas relações com a agricultura; pequenos ensaios praticos de trabalho agricola executados pelos proprios alumnos, guiados e estimulados pelos professores; a colheita, a venda dos productos, a divisão proporcional dos lucros, como premio do trabalho, o salario, a empreitada;—tudo isso constitue, por certo, o que pode haver de mais bello, attrahente, edificante nas lides escolares, como subsidios valiosos para a educação moral, intellectual e physica.

Em que é isto incompativel com a escola publica?—A meo ver, todo o homem, qualquer que seja a sua profissão, deve entender um pouco de agricultura. E, notae bem, se a pratica da agricultura na escola publica, como indico, suggerir á maioria dos alumnos a escolha da profissão de agricultor, isso será um forte argumento em favor da minha these, pois o maximo desenvolvimento da agricultura é a maior felicidade que o Brazil pode almejar.

Muita cousa mais tinha eu a expor aqui, concorrendo para a solução do magno problema do *aperfeiçoamento do individuo para o aperfeiçoamento da sociedade*.

Mas... já está longa esta epistola, em que procurei, por escripto, expôr algumas das idéas já por mim externadas em palestras oraes. Mais algumas palavras ainda:

Sob a orientação pedagogica de que deixo aqui alguns traços geraes, tenho feito esforços no sentido de concorrer para a realização, no nosso meio, dos grandes ideaes da educação moderna.

Mas o meo concurso para isso, força é confessar, é exiguo, é nenhum em relação ao de um educacionista que allia o talento á illustração e á força de vontade, que não cessa de agir e que tem a felicidade ineffavel de, pelos seos proprios olhos, estar vendo já, em parte, no ensino ministrado em escolas publicas paranaenses pelos seos ex-alumnos de Pedagogia, os beneficos resultados de seos esforços: já tereis adivinhado que falo de DARIO VELLOZO.

Os seos *schemas*, magistralmente organisados, por licções graduas e progressivas, expondo os mais adiantados preceitos didacticos e methodologicos e contendo em sua substancia a theoria e a pratica da grande arte da educação, vieram attenuar, no ensino da Escola Normal, a difficuldade decorrente da falta de um compendio adaptado ás necessidades dos tres annos do curso; elles são, de facto, ali, ha tres annos, o guia seguro do ensino e dos estudos, com os mais brilhantes resultados.

Se esses schemas são assim tão valiosos, não é preciso demonstrar-se que relevantes serviços vae prestar o compendio, já quasi prompto, que, seguindo a mesma ordem systematica dos schemas, expõem completamente a materia de cada licção.

O COMPAYRÉ paranaense estudou profundamente a materia, e a systematisou e expoz com firmeza, de accordo com os ensinamen-

tos dos mais sabios mestres, satisfazendo as necessidades do nosso meio: bastaria isto como elogio de sua obra, se ella não tivesse de original a organização especial dos schemas, que della são parte integrante, para facilitar os estudos, e a parte pratica em que, como materia de estudos do ultimo anno da Escola Normal, elle applica, com rara habilidade, os preceitos didacticos e methodologicos a cada um dos ramos da educação—em geral, e a cada uma das disciplinas do nosso curso primario—em particular.

Um magisterio capaz é o primeiro elemento para a diffusão da educação popular: fazer esse magisterio—eis o officio da Escola Normal.

Esse livro, lido e estudado pelos estudantes normalistas, durante o curso, meditado, applicado e criticado na vida pratica pelos professores já feitos, virá cooperar efficazmente para o fim almejado. Esse livro (digo-e com o pleno conhecimento que delle tenho, embora eu divirja de seo autor em alguns pontos de doutrina) é destinado a influir sobre a educação popular no Brazil inteiro: — será uma gloria para o nosso querido Estado que daqui irradie essa luz.

Tive a honra de ser relator do parecer que, sobre essa obra preciosa, foi unanimemente approvado pela Congregação da Escola Normal; prova de que eu e os outros membros da commissão encarregada desse parecer não erramos, é o facto de concordarem comnosco sem discrepancia todos os nossos illustradissimos collegas.

Se louvavel é o proceder do Gremio dos Professores, requerendo ao governo a publicação dessa obra a expensas do erario, louvabilissimo será o despacho que deferir esse bem inspirado requerimento.

Agora, sinto bem vivo o conflicto que se trava entre a necessidade de terminar esta lenga-lenga e o desejo de muito mais dizer: vencerá, como é natural, o mais forte; o meo desejo tem de capitular e tem a ingenuidade de suppor que o faz com todas as honras.

Perdoae, Illustre Cidadão, se vos importunei com esta longa epistola; se ella nada vale, ajudae-me, ao menos, a salvar as minhas boas intenções que, de certo, sempre valem alguma cousa.

F. R. DE AZEVEDO MACEDO.

A nossa Revista

A's pessoas a quem temos remettido A ESCOLA, rogamos o favor de nos enviarem com a maior brevidade possivel a importancia da assignatura do 1.º anno, afim de podermos occorrer ás onerosas despezas da publicação desta revista. Enviando-nos essa pequenina quantia, prestarão tambem um bom serviço á diffusão do ensino e ao alevantamento da instrucção publica do Estado, pela qual vae a nossa revista pugnando com extremos de dedicação e devotamento.

PARECER sobre o compendio de Pedagogia que está elaborando o Sr. Dario Vellozo, Lente de Historia Universal e do Brazil, do Gymnasio Paranaense e da Escola Normal.

Não é de hoje que o relator deste parecer tem perfeito conhecimento do plano e da substancia do compendio em questão. Confiando-lhe o Governo do Estado, interinamente, o cargo de Lente de Pedagogia da Escola Normal, em substituição ao Sr. Dario Vellozo, exonerado a pedido,—o relator deste parecer encontrou a marcha do ensino e dos estudos da materia traçada em *schemas* que o mesmo Sr. Dario, relativamente a cada licção organisára e adoptára, desde Março de 1904 até então. Assumindo aquelle cargo em Agosto de 1906 (*quasi no fim do anno lectivo*), era seo dever attenuar quanto possivel a perturbação que naturalmente soffre o ensino sempre que ha mudança de lente ou professor: foi essa a razão unica pela qual, de prompto, resolveo continuar seguindo os *schemas* que o Sr. Dario obsequiosamente lhe fornecêra. Reconheceo depois ter, na adopção delles, encontrado felizmente o melhor meio de cumprir o seo dever, estando ali magistralmente systematisada a materia toda, em gradação logica, licção por licção, anno por anno. Por isso, embora, em alguns pontos secundarios de doutrina, discorde do modo de ver do Sr. Dario, continúa a adoptar como guia valiosissimo do ensino e dos estudos na aula de Pedagogia os alludidos *schemas*, parte integrante do compendio em elaboração.

Os outros lentes que fazem parte da commissão encarregada de dar parecer sobre o alludido compendio, habilitaram-se a proferil-o pela leitura attenta dos *schemas* e da parte já elaborada do texto da obra, pela exposição que fez o relator e pela que fez o proprio Sr. Dario Vellozo.

Assim pois, a Commissão tem a dizer :

O compendio em questão pela forma e pelo fundo, pela ordem rigorosamente logica da exposição da materia, pela adaptação que faz do ensino da Pedagogia ás necessidades do curso da Escola Normal deste Estado, é merecedor de todos os encomios. Na impossibilidade de uma exposição detalhada do que nesse livro se contem, aqui expõe a Commissão as epigraphes das licções :

PRIMEIRO ANNO

- 1.^a Licção — Preliminares. Definições. Da Pedagogia. Da Educação.
- 2.^a Licção — Historico. Antiguidade. Chinezes. Egypcios. Hebreos.
- 3.^a Licção — Historico. Antiguidade. Hindús. Persas.
- 4.^a Licção — Historico. Antiguidade. Gregos e Romanos.
- 5.^a Licção — Historico. Medievalismo. Tempos modernos até os nossos dias.

- 6.^a Licção — Pedagogia didactica e methodologia.
- 7.^a Licção — Methodos de ensino em geral (definições).
- 8.^a Licção — Modos de ensino em geral (definições).
- 9.^a Licção — Da educação, divisão, definições.
- 10.^a Licção — Do Professor. Da organização da Escola.

SEGUNDO ANNO

- 1.^a Licção — Resumo do 1.^o anno.
- 2.^a Licção — Methodos de ensino (exposição) inductivo, deductivo, subdivisões.
- 3.^a Licção — Principios didacticos relativos ao ensino, ao alumno e ao professor.
- 4.^a Licção — Modos de ensino (exposição) individual, simultaneo, mutuo e mixto.
- 5.^a Licção — Fórmás de ensino. Invenção. Exposição. Regras e applicções.
- 6.^a Licção — Processos de ensino (especialização dos modos): de exposição, de explicação, de correcção.
- 7.^a Licção — Educação physica. Gymnastica. Hygiene.
- 8.^a Licção — Educação intellectual. Dos sentidos. Da intelligencia. Cultura.
- 9.^a Licção — Educação moral. Faculdades moraes: sentimentos. Consciencia: Virtude, Verdade. Manifestações da moralidade: Vontade. Da creança. Amor do bem: Deveres.
- 10.^a Licção — Educação Esthetica. Imaginativa. Sentimentos superiores.

TERCEIRO ANNO

- 1.^a Licção — Resumo do 2.^o anno.
- 2.^a Licção — Leitura e escripta.
- 3.^a Licção — Licções de cousas.
- 4.^a Licção — Lingua materna.
- 5.^a Licção — Estudo de Geographia.
- 6.^a Licção — » da Historia.
- 7.^a Licção — » das sciencias abstractas e concretas.
- 8.^a Licção — Ensino do Desenho, Muzica e Canto.
- 9.^a Licção — Jardim da Infancia.
- 10.^a Licção — Moral. Instrucção Civica.
- 11.^a Licção — Recompensas e punições.

Eisahi: no 1.^o anno, ha o estudo das noções preliminares e do que ha de mais notavel na historia da Pedagogia; no 2.^o, ha o estudo da theoria pedagogica, sob o ponto de vista didactico e sob o ponto de vista methodologico; no 3.^o, ha, de todos os principios e regras, applicação pratica ao ensino de cada uma das disciplinas das nossas escolas publicas primarias.

Evidentemente é uma obra de elevado alcance, unica que possuímos adaptada ao nosso meio e ás necessidades do curso de Pedagogia na Escola Normal, onde o seu valor está experimentalmente demonstrado: — o seu maior elogio são os brilhantes resul-

tados já obtidos na pratica do ensino. Não só á Escola Normal interessa a publicação dessa obra utilissima : todo o magisterio primario neste e nos outros Estados do Brazil terão nella um guia seguro : será optimo professor aquelle que cuidadosa e intelligentemente seguir os ensinamentos ali contidos.

Entendem, pois, sinceramente os abaixo assignados que a publicação do Compendio de Pedagogia do Sr. Dario Velloso é o melhor serviço que, no momento, pôde o Governo do Estado prestar á instrucção popular.

Coritiba, 1.º de Junho de 1907. — *João Podeleck Boué* — *Lysimacho Ferreira da Costa* — *Francisco R. Azevedo Macedo*.

«Submettido este parecer á discussão, não havendo quem a respeito delle pedisse a palavra, foi posto a votos e unanimemente approved.» Acta da Congregação, 1.º de Junho de 1907.

A Geometria

DO SEU ENSINO SECUNDARIO E NORMAL

O autor destas linhas não tem em vista senão a despretençiosa tarefa de emittir uma opinião que ficará traduzindo o seu modo de ver acerca da importancia do ensino da Geometria nos Gymnasios e Escolas Normaes.

I

Si tivermos bem em vista os fins do ensino secundario e normal, observamos que elle não é destinado a preparar homens para profissões que dependam em grande parte da Geometria, sob o ponto de vista doutrinario

O ensino professado nos Gymnasios tem, em geral o fim de preparar bachareis em sciencias e letras ou alumnos que se destinam a cursos onde alguns enfrentam a Geometria Moderna e outros não mais proseguem seus estudos desta Sciencia.

O ministrado nas Escolas Normaes tem por fim unicamente preparar professores primarios, que, como sabemos, não têm necessidade do conhecimento profundo dessa materia.

Necessitará o alumno que se destina a conquistar o titulo de bacharel, ter conhecimento de todas as propriedades dos triangulos, quadrilateros, etc., das figuras rectilineas e curvilineas, em geral, ou de todos os theoremas que dizem respeito aos corpos redondos, ou de saber todos os principios sobre rectificações, quadraturas e cubaturas?

De que servirá tudo isto ao alumno que se destinar a qualquer uma das carreiras onde não seja esplanada a Geometria Analytica, como a Medicina, Pharmacia, Direito, & & ?

Com que proveito os alumnos que se destinam ao magisterio primario ouvirão pacientemente durante o anno os professores, em geral, discorrerem sobre uma grande quantidade de theoremas, que trazem como consequencia a fadiga do cerebro do alumno, a lucta que este trava para conseguir sentar-se deante de um tratado de Geometria a recapitular as lições do mestre ?

E quanto aos alumnos que continuam os seus estudos em cursos superiores onde enfrentam a Geometria Moderna, necessitarão de estudos tão vastos sobre a Geometria dos Antigos ?

Ora, para isto, o ensino desta Sciencia deve ser feito com os fins seguintes :

1.º De fazer o alumno travar conhecimento com as figuras geometricas fundamentaes, estudando-as em suas propriedades caracteristicas ; (inclusive secções conicas).

2.º Demonstrar ao alumno a impotencia em que se acha esta Geometria de realizar o seu fim.

3.º De dar ao alumno noções completas sobre as propriedades das figuras polyedricas, que ahi podem ser expostas de um modo satisfactorio.

E para isto não ha necessidade dessa grande quantidade de theoremas que vemos ao abrir um tratado de Geometria.

Como em geral acontece, os professores, em seus cursos de Geometria elemental, abrem suas aulas com dissertações, que podem ser consideradas apparatusas, onde procuram definir a Sciencia que se propõem ensinar, que estão na maioria dos casos muito alem do desenvolvimento intellectual de seus alumnos, que ao terminar sentem os cerebros atordoados por uma cousa que foram obrigados a ouvir, mas da qual nada entenderam. E se ás vezes apanham trechos longos do professor, mal comprehendidos, e portanto alterados, só servem para comprometterem a sua reputação.

O professor em seguida começa a explicar uma serie consideravel de theoremas que pela sua accumulção vae amedrontando o alumno e de vez em quando uma sabatina vem somente provar áquelle que o alumno está muito longe de prestar as contas que esperava.

E assim não devia esperar mais que o fracasso do alumno; porque este que não vê grandes vantagens praticas na Geometria, que não sente despertar a sua curiosidade por um estudo desagradavel, desanima, deante do trabalho que tem, e, ou não estuda ou estuda muito pouco; os alumnos na sua maioria estudam as verdades desta Sciencia, sem comprehenderem esta exigencia regulamentar, estudam porque é preciso para conseguir o seu diploma e portanto o fazem com sacrificio; encontram innumeradas difficuldades que naturalmente desappareceriam com outra orientação.

Julgam em geral os professores que ensinar Geometria é ensinar theoremas, accumulando assim os alumnos de tal quantidade de materia, que só acarreta um cultivo de memoria. «Não se desenvolve o vigor do juizo; o espirito de audacia e ao mesmo tempo de prudencia: sobrecarregam-se os moços de noções de valor desigual, só se cultiva a sua memoria...» Ainda, diz Jules Payot tratando da influencia dos professores sobre a *Educação da Vontade*: «Os estudantes queixam-se da massa enorme, indigesta de materias a assimilar, e queixam-se tambem da falta de experiencia de um methodo de trabalho. Estas queixas são connexas. Se o estudante não tem um bom methodo de trabalho, vem isto do absurdo da organização dos estudos. Parece-se aceitar como axioma que um estudante, uma vez sahido da faculdade, não trabalhará mais». Podemos applicar ao nosso meio estas verdades do illustre psychologo.

Talvez tivesse eu sido um tanto exagerado no que acabei de expender, mas creio que se houve exagero foi muito pequeno. Alguns dirão mesmo que têm assim obtido excellentes resultados.

Mas, pergunto agora, os alumnos que têm deste modo obtido distincções nesta materia terão della algum conhecimento solido? Não podem ter, é claro; salvo por excepção. O alumno tirou distincção, porque demonstrou grande numero de theoremas previamente bem estudados; se sobre alguns delles exhibiu differentes modos de demonstração, contentando os examinadores, não fez mais do que expor brilhante trabalho de memoria. Trabalho executado sem methodo da parte do alumno durante o anno e que foi resultado de extraordinaria força de vontade, cultivada por motivos de ordem que não me cabe agora apreciar; e que podia, como muitas vezes acontece, acarretar grandes desarranjos physiologicos. Já apreciei muitos casos de loucura em estudantes, nas Escolas Militares em que estive, produzidos por uma verdadeira obstinação em devorar os livros sem methodo nem ordem. Mas, querem a prova de que apesar desse sacrificio, o alumno não sabe Geometria? Dê-m-lhe um theorema para demonstrar, mas, que lhe seja desconhecido e elle não o demonstrará. Sobrevem-lhe immediatamente uma perturbação que só póde ser produzida pela desordem que reina em seu cerebro. Lembro-me de alguns estudantes briçosos, em um curso superior, onde estive, que, ahi chegando dos cursos preparatorios, cheios de distincções, inclusive em Geometria, e enfrentando a Geometria Algebrica, viam-se constantemente obrigados a recorrer a um tratado de Geometria elemental para demonstrarem alguns simples theoremas que em tão necessitavam e que não haviam estudado anteriormente.

E donde provém esse fracasso do alumno?

Do methodo de ensino, naturalmente. O professor ao ensinar a Geometria, a expoz sob a forma de theoremas; seguindo a praxe declara logo ser essa a materia exi-

gida : reduzindo deste modo o ensino a um numero consideravel de theoremas, que o alumno vê-se obrigado a gravar um a um ; muitos professores até demonstram de um só modo um theorema que é susceptivel de muitas demonstrações, e se o alumno não toma nota desse modo, dado por aquelle do qual vae depender o seo exame, acontece o que muitas vezes se vê por occasião deste, em que o alumno demonstra-o por um modo differente, o professor avança : « está errado ! » ; « o Snr segue caminho errado ! » , perturbando e desorientando completamente o alumno que então (salvo excepção) não demonstra mais nem como queria, nem como o seo professor o exige, revelando completa ignorancia da materia que ensina !

Por outro lado tambem se pôde ver que o alumno não tem conhecimento duravel da Geometria. Supponhamos que tirado o exame, elle não prosiga no seo estudo ; estão neste caso os que sahem diplomados pela Escola Normal e pelo Gymnasio, os que se destinam aos cursos de Medicina, Pharmacia, Direito, etc. No fim de pouco tempo não sabe mais os seos theoremas, cuja recordação lhe é penosa muitas vezes ; tem apenas vagas noções sobre algumas figuras geometricas que as necessidades da vida o obrigam a lembrar

Em que aproveitou a Geometria a esse alumno ? Creio que em nada ; nem mesmo cooperou para o seo desenvolvimento intellectual. Nenhum traço profundo e duravel em seo cerebro, nenhuma grata recordação ! Tudo se passa então como se o alumno não tivesse estudado Geometria ! Se quizer recordar esta materia tem que estudal-a de novo.

Supponhamos ainda que terminando o seo curso elle não quer perder o que sabe, tem forçosamente que estar folheando os seos livros e recordando os seos theoremas, isto é, reavivando a sua memoria. Então, depois de muito tempo e trabalho, elle consegue o que podia fazer sem esforço e em pouco tempo, se outra fosse a orientação do seo ensino.

II

Sob o ponto de vista em que me colloquei, acho que o professor de Geometria deve muito pouco se occupar com o ensino de theoremas ; acho mesmo que a exposição desta sciencia sob a fórma de theoremas devia ser abandonada, porque, para os alumnos têm o inconveniente de se prestarem a ser decorados ; isto é, os mais estudiosos decoram-os depois de os terem comprehendido e os outros só se limitam a decoral-os. Mas, isto não vem ao caso, pois creio que o mestre pôde procurar o melhor caminho para seguir na sua exposição, que pôde fazer por meio de theoremas ou não ; tem mesmo o direito de experimentar annualmente em sua aula e apurar o methodo que lhe dá mais resultado.

A attenção do professor deve se voltar especialmente para as definições, methodos de demonstração e theorias fundamentaes, de modo a dar aos seos alumnos um solido fundamento, capaz de nortear-os logo que penetrem no seio da materia. E para o professor conseguir isto é preciso essencialmente que existam entre elle e seos alumnos certas relações moraes que se tornam indispensaveis.

Assim, nas primeiras lições, deverá procurar estabelecer, o mais possivel, a confiança nos alumnos, procurando augmentar a sympathia que possam ter para consigo, estabelecendo desse modo uma intimidade mutuamente respeitosa, onde procurará nivelar-se aos alumnos e fazer com que estes elevem-se até elle : não ha professor nem alumnos ; ha amigos. Aquelle deve ter a consciencia aberta para dar, e fazer com que os alumnos abram as suas para receberem. Serão assim despertado no alumno o interesse e a facilidade do estudo.

Ha alumnos que, á primeira vista, despertam sympathia ou antipathia. Se o professor, deixa-se arrastar pelos seos sentimentos, cultiva-os e fortalece-os, embora inconscientemente, com o tempo. Do mesmo modo, sob o ponto de vista psychologico, despertam-se e cultivam-se da parte do alumno esses sentimentos, que no fim de certo tempo começa a temer, no caso de nascer antipathia, e se não abandona o estudo, sente por elle como pelo professor viva repulsão. E' preciso que este seja superior a esses sentimentos e que se habitue a cercar de carinho os alumnos que desde o primeiro momento lhe despertam antipathia, aniquilando-a assim.

A par deste trabalho em que o mestre procura estabelecer com seos discipulos um contacto de « alma para alma », deve com calma e perseverança, fazer gravar fundo no cerebro de cada um as noções fundamentaes ; é um trabalho que demanda de sua par-

te extraordinaria força de vontade e paciência, mas, que não é impossível; deve fazer cada alumno em separado mostrar se as comprehende ou não, arrancar com o criterio ou melhor provocar as suas confissões expontaneas e corrigir com docilidade e energia os seus erros.

Com este trabalho vence o alumno a repulsão que sente em estudar uma Sciencia como essa que pouco lhe desperta a curiosidade. Deste modo o professor obrigou-o a comprehender as suas bases e deante desse trabalho o alumno vadio, envergonhado, começa a estudar, deixa de temer o esforço, porque é amigo, sympatisa com o professor.

Naturalmente com esse trabalho o professor gasta alguns mezes e começa então a exposição das differentes theorias. Se a fizer sob a fórma de theoremas, deve organizar para cada uma dellas o menor numero delles que for possível, tomar somente aquelles que forem indispensaveis para encadeamento natural do ensino. Desses theoremas tirar corollarios e scilios que o alumno por si só não possa tirar. Assim dá a conhecer ao alumno o essencial da doutrina que professa; mas, para onde deve convergir totalmente a atenção do mestre é para os differentes modos de demonstração. Melhor direi que esses theoremas deverão ser tomados como exemplos dos modos de raciocinio ensinados pelo professor, que são tão variados na Geometria e tão dignos de serem aproveitados para a educação dos nossos jovens patricios.

E' este, para mim, o principal trabalho do professor. E' preciso que faça cada alumno raciocinar comsigo, exemplificando as suas modalidades com os theoremas previamente escolhidos e grupados em theorias.

Todos sabem que Pythagoras havia escripto na frente de sua escola philosophica que ahí ninguém entrava sem saber Geometria; nós não podemos affirmar qual foi o motivo deste acto; mas, tratando-se de uma escola de Philosophia, podemos com muito fundamento suppor que o sabio a isso foi levado porque estava certo que aquelles que conheciam a Geometria tinham cerebros perfeitamente cultivados e eram capazes de comprehendel-o.

Nesta grandiosa tarefa deve o professor servir-se do livro como auxiliar. O livro deve estar em perfeita harmonia com sigo, pois que é destinado a substitui-lo nas horas em que não puder estar ao lado do alumno. Deve ser organizado a seu gosto, contendo as noções fundamentaes bem esclarecidas e encadeadas, todas as modalidades do raciocinio e suas combinações; as demonstrações dos theoremas devem ser syntheticas, apresentando somente as partes principaes, mostrando transições bruscas entre si: e principalmente não deve ter figuras.

Deste modo, bem orientado o alumno na aula, ao recapitular as lições, é ainda guiado pelo mestre representado pelo livro; procurando estudar abre-o, vae enchendo do modo que achar mais razoavel os claros existentes nas demonstrações, raciocinando por si como na aula ensinou o professor; é obrigado a traçar a figura como seu auxiliar; e assim o alumno tem tambem satisfação porque o mestre soube lhe deixar alguma cousa a fazer, e esta satisfação augmenta quando, por si só, demonstrar uma consequencia que elle necessita para estabelecer um outro theorema; compenetra-se de que já produz alguma cousa. E assim continuando no correr do anno estimulado pelo professor e tendo neste o exemplo da perseverança e do trabalho, aprende a raciocinar, prosegue sempre no seu estudo, cultiva o seu espirito e a sua Razão nunca pode comprehend limites.

Dê-m-lhe um theorema que elle nunca vio, como já tem o espirito de iniciativa e de ousadia, elle que apprendeo, pelos muitos exemplos do seu professor, a applicar os recursos de sua intelligencia, pega no theorema com methodo, sem vacillar, experimenta com calma os mesmos recursos e se de prompto não o demonstra, leva-o para casa, dedica-se e esforça-se e tendo o seu amor proprio de estudante, ferido, deante de um facto possível, acabará por demonstral-o.

E assim como este alumno applicou os seus recursos á demonstração do theorema, saberá tambem, de modo semelhante, applical-os para resolver as innumeradas difficuldades que surgem na vida pratica. Tem o genio emprehendedor, activo, ousado, sabe avaliar a extensão do raio de acção de sua intelligencia.

Comprehendeo que foi á Escola não tornar-se um erudito, foi apenas buscar o indispensavel para trabalhar, para começar a estudar.

Infelizmente é o contrario que se vê: o alumno sahe da Escola, julga saber tudo e nada faz; pensa que apprendeo tudo e nada mais tem a saber; sahe com limites na

consciencia ; acanhada intelligencia que se perde na expectativa de um empreguinho de accordo com o seo diploma !

Assim tambem o professor tira o seo proveito e eu repito o que disse o autor já citado : «O professor terá nisso sua recompensa, pois suscitando nos discipulos o entusiasmo scientifico, revigorará o proprio e por outro lado facilmente se convencerá de que todos os grandes movimentos de pensamentos realizados no mundo o foram, não pela communicação dos conhecimentos, mas pela communicação de um amor ardente pela verdade, ou por alguma grande causa e pela communicação de bellos methodos de trabalho : isto é, n'uma palavra, a influencia se obtem pelo contacto de homem a homem, de alma a alma. Foi assim que Socrates transmittio á Platão um methodo e seo entusiasmo pela verdade. E' assim que se explica terem todos os genios, grandes e scientificos na Allemanha, sahido de pequenos centros universitarios, onde professor e alumno estavam nesse contacto de alma a alma de que acabamos de falar».

III

Não se deve pensar que deste modo se preparam philosophos, mas, que aquelles que tiverem o espirito de iniciativa e de investigação scientifica têm tambem recursos extraordinarios para vencer as difficuldades da vida pratica e se lançarem nas innumerás especulações que se pôde imaginar em proveito do desenvolvimento do nosso estado ou do nosso paiz, sempre fortes e perseverantes com um bom methodo de trabalho.

E neste sentido pôde ser em grande parte aproveitada a Geometria.

O bom professor, auxiliado por um bom livro, com amor e dedicação, compenetra do de que já é tempo de formar homens aptos para o trabalho consciante, cujo resultado é o bem estar physico e moral de seos patricios e o progresso de sua Patria, pôde ter na Geometria um dos maiores auxiliares nessa brilhante obra de patriotismo.

Não se deve somente ser bom professor ; é preciso saber escolher um compendio digno de si.

E no nosso Gymnasio e Escola Normal tem sido nestes ultimos annos adoptado um compendio, que sob o ponto de vista em que me colloquei, é, até certo ponto, prejudicial á mocidade.

E' verdade que, tendo sido escripto por pessoa cuja competencia respeito e não posso por em duvida, lê-se logo na segunda folha : «Obra adoptada no Gymnasio Nacional, Collegio Militar e muitos outros estabelecimentos de instrucção» Mas tambem, mais acima lê-se : «Curso de Geometria de accordo com o programma de admissão á Escola Polytechnica».

Como se vê uma obra redigida com esse fim, se puder prestar algum serviço nos cursos Gymnasiaes, nas Escolas Normaes torna-se inutil podendo ser bem prejudicial. E nos cursos Gymnasiaes pôde prestar para os alumnos que se destinam á Engenharia ou outra qualquer carreira onde tenham que estudar Mathematica ; mas, para os alumnos que querem ser somente bachareis, ou pretendem seguir os cursos de Direito, Pharmacia, Medicina, etc. que são sempre em muito maior numero ?

Ora trazendo o compendio grande numero de theoremas e vindo ainda por cima ricamente opulentado com grandes noções sobre as curvas do 2º gráo, torna-se inutil, porque o professor não podendo deixar de dar os theoremas todos, pois que se acham perfeitamente encadeados, isto é, as demonstrações de uns se baseiam no conhecimento dos anteriores, os alumnos que se destinam aos cursos citados vêm-se obrigados a estudal-os e depois de tirado o exame nunca mais delles se lembram.

Vejamos agora quanto ao proveito que o alumno possa delle tirar para o seo desenvolvimento intellectual.

Sob este ponto de vista pode-se mesmo affirmar que o livro é prejudicial.

Na maioria dos theoremas as demonstrações são longas e fatigantes ; theoremas que podiam ser demonstrados com poucas linhas, occupam, ás vezes, paginas do livro. Em cada demonstração se notam repetições inuteis e uma prolixidade verdadeiramente fatigante ; uma linguagem que ás vezes fica longe do espirito positivo e synthetico da Mathematica.

E' um livro que parece ter sido escripto para ser usado sem auxilio do professor, se presta perfeitamente áquelles que temem o esforço cerebral. Os alumnos, ahí acham-

do tudo feito, decoram as demonstrações, isto é, precisam unicamente gravá-las para depois cumprirem o seu dever deante do professor.

O professor que adopta o corre um grande perigo : nada tem que explicar, torna-se um repetidor do livro ; tudo que quizer explicar está no livro e o alumno, que confronta a sua explicação com a do livro, diz logo : «O professor decora!» e para elle o professor não passa de um decorador!!

E quer o professor seja ou não um decorador, é deste modo que é tratado pelo alumno ; este não tem competencia para julgar do seu saber, ou melhor julga-o pela impressão que recebe.

Assi se perde o mestre a confiança do discipulo.

Este se descarta e julga desnecessaria a sua intervenção, porque sabe que em momento preciso decora o que está no livro.

Os resultados praticos obtidos com um tal livro, que não se presta ao ensino a que me referi, são desastrosos tanto para o alumno como para o professor ; aquelle perdendo a confiança que poderia depositar neste, tem para com o professor palavras que não são lisongeiras e que muito o desabonam ; e quanto aos alumnos a verdade é que desejaria que me apontassem um bom alumno de Geometria que o Gymnasio ou a Escola Normal tivesse dado nestes ultimos annos.

E' de esperar que aquelles que tratam da reforma do ensino no nosso Estado, não esqueçam de aproveitar a Geometria na grande obra de instrucção e educação dos nossos patrios.

LYSIMACHO F. DA COSTA.

Da Reforma do Ensino

(Excerptos traduzidos especialmente para a *Escola*)

A antiga Escola produz sêr incompleto e anormal. E' producto artificioso, mais adaptado á vida administrativa que á vida commum. Evita e recua das profissões independentes e vitaes : agricultura, industria, commercio, colonização, etc.

A antiga escola prepara para as profissões que vivem á custa do orçamento e afasta das profissões que o alimentam. Isso é grave.

Tratamos de formar homens capazes de ambicionar algo que ser politicos, funcionarios ou falsos intellectuaes.

Rompemos, com effeito, com o uso economico, porem deplorable, de accumular muitas centenas de creanças em uma casa. Esse accumulo é obstaculo á toda obra seria de educação. Reduz a creança a simples algarismo, especie de sêr anonymo que ninguem conhece, nem o director, nem os professores.

E' que a antiga Escola foi modelada pela caserna, ou pelo convento, em vez de ser estabelecida, simplesmente, no typo normal e natural da familia.

A idea de educar a creança fora da presença, da acção da mulher, é verdadeiramente anti-natural : é a um tempo immoral e anti-educativa. A creança, educada longe da mulher, torna-se mais tarde, e necessariamente, victima da mulher, desde o momento em que, alfim, a descobre.

Attribuo, sem hesitação, grande parte de nosso successo tão rapido á presença das senhoras na Escola, e estou convencido de que todos os paes assim o julgam.

Este character familiar é ainda accentuado pela *vida em commum dos professores e dos discipulos*.

E' assaz sabido o typo commum de professor que dá a lição e parte, que só tem com os alumnos as relações que decorrem do alto da cathedra e, muita vezes, só os conhecem de nome.

O regimen da vigilancia exaggerada e constante é a chave da antiga Escola. Supprime tal regimen, ella se esboroa, cae de chofre. Na Escola nova, a vigilancia é feita naturalmente e paternalmente pelos donos de casa e pelos professores, pois que vivem constantemente com os alumnos.

Na antiga Escola presuppõem sempre que a creança deve mentir; e isso, precisamente, lhe desenvolve o habito da mentira. Presuppomos sempre que a creança fala a verdade. E, por essa prova de confiança, incitamol-a fortemente a dizer a verdade, e assim procede.

A idea basica e toda a organização da Escola em seos pormenores, como sob o ponto de vista da educação e do ensino, são o resultado das conclusões hoje adquiridas pela Sciencia Social...

Sob o ponto de vista do ensino, é necessario estabelecer melhor gradação entre as differentes classes e coordenação mas methodica entre as diversas materias ensinadas em mesma classe.

Graças ao methodo da Sciencia Social, a geographia, a historia, a litteratura, a historia das sciencias, da industria, da arte, da philosophia, etc., são ensinadas de modo a pôr em evidencia as relações, as concordancias e as repercussões que existem entre esses diversos conhecimentos. O ensinamento apresenta-se desse modo sob luminosa forma, e é comprehendido e retido mais facilmente. As diversas materias não são mais dispersas, porem *coordenadas*.

Os alumnos da *Escola nova* preferem as situações independentes, a agricultura, a industria, o commercio, a colonização, porque mais livres, mais digna a vida e se sentem capazes de sahirem victoriosos da empreza. Escolhem as carreiras vitaes, porque *«bem armados para a vida,»* conforme a divisa da Escola.

EDMOND DEMOLINS.

NOTA — Com o nome de *Escola Moderna*, se me não faltar o indispensavel apoio, pretenco fundar um estabelecimento de ensino, vasudo nos moldes da *Escola nova*, perfeitamente adaptado á função social e economica do Parauá ou de qualquer Estado do Brazil.

Nesse internato, com a matricula maxima de 60 meninos, o curso será de oito annos, — subdividido em: *primario*, *secundario* e *especial*, podendo o alumno, aos 15 annos, matricular-se na *Escola Normal* ou no 5º anno do *Gymnasio*, ou, se preferir outra carreira ou meio de vida, consagrar-se ao commercio, á industria, á agricultura, com conhecimentos praticos e positivos reunidos á theoria elucidativa.

Ao abrir o estabelecimento serão recebidos alumnos nas diversas partes do curso, mediante previo exame.

— A's pessoas, de qualquer ponto do Estado ou da Republica, a quem possa interessar o estabelecimento sob qualquer aspecto, rogo enviar-me suas ordens, juntando o sello para a resposta.

Coritiba, 30 de Abril de 1907.

DARIO VELLOZO.

Rua Silva Jardim, 108. — CORITIBA — PARANA'

Subsidios pedagogicos

III

Escola Moderna

PLANO E PROGRAMMA DE ESTUDOS

Os estudos de *Scientia Social* da escola de Le Play, principalmente os luminosos trabalhos de Demolins, levaram-me ao conhecimento de lacunas do ensino nacional e á necessaria fundação da **Escola Moderna**. Será meio de agir com efficacia e vantagem em prol do Paiz, fornecendo á mocidade elementos de victoria na *lucta pela vida*. Os resultados são seguros e positivos.

Investigadas as causas da quasi inefficacia dos resultados utilitarios da instrucção popular, inquiridas as mais urgentes necessidades do **meio**,—para logo se nos depara o improficuo da actual organização do ensino para dar á juventude aptidões de *bem ganhar a subsistencia*.

Actualmente, apoz dez e mais annos de labor e estudos estafantes que alienam o gosto e o desejo de saber, o joven, apoz os estudos secundarios, se encontra com bagagem mais ou menos equivocada de *noções theoricas*,—incapaz de *ganhar o pão*; e nova aprendizagem da vida começa, mais ardua e penosa.

Outros que, prematuramente, abandonam a escola, em busca de *meios de subsistencia*, e se dedicam ao commercio, ás artes e officios, ficam, acanhados de espirito, incapazes de algo acima da rotina, inconscientes ou alheios á funcção politica e social da Republica.

A **Escola Moderna** preenche tão grande lacuna, a um tempo ministrando o ensino *theorico e pratico*.

A escola actual encaminha á *burocracia*; a **Escola Moderna**, dando utilitarios ensinamentos, indica ao alunimo a *agricultura, o commercio, as artes e industrias*.

Da **Escola Moderna** o joven sae apto e forte para a vida.

Aquelles dos alumnos que desejarem proseguir os estudos, consagrando-se ás *profissões liberaes*, poderão concorrer á matricula, do 5º anno do *Gymnasio*, ou cursar a *Escola Normal*. Os conhecimentos praticos adquiridos ser-lhes-hão sempre uteis.

Como a **agricultura** seja, porem, a base da *fortuna nacional*, terá cuidadoso desenvolvimento nos diversos graos do curso.

Dispondo de extensa área para cultura, laboratorios de physica e chimica, secções de serralheria, marcenaria, typographia, encadernação, alfaiataria, etc.; dispondo de parques e jardins, tanques de natação, stadios para *jogos olympicos*:— a **Escola Moderna** junta a educação physica á cultura mental, realizando rigorosas condições indispensaveis de hygiene e salubridade.

O corpo docente é composto de professores que reúnem ao saber o character.

Os alumnos terão sempre as explicações solicitadas, de modo a completarem as licções do curso que ficarão **sabidas**, o que não

succede nas casas escolares em que *mestres* e *alunos* só se encontram nas *aulas*.

A *vida de família* não é rompida, como nos *internatos* frequentemente acontece. A *espionagem*, os *castigos corporaes* — que tanto degradam, porque abusos de *força*, — não existem.

Os *alunos*, em numero maximo de 60 (sessenta), distribuidos pelos diversos cursos, residem com a *família dos professores*, encontrando no *lar dos mestres* prolongamento do *lar paterno*. Cada *família* reside em edificio á parte. O influxo affectuoso e benefico da *mãe de família*, pedra de toque na formação do *caracter*, não é alienado.

Os *alunos* do *curso especial* residem com o *Director*, e com os *sub-directores* os dos cursos *primario* e *secundario*. Evitam-se as *accumulações*, em unico e só edificio.

Os *alunos* estão sempre em convivio com os *professores*, passando das *aulas* para as *officinas*, juntos na *lavoura*, nos *jogos*, nos *recreios*, *passeios*, *excursões*, — assim unificados no *trabalho*.

A **Escola Moderna** é imagem da *família* e da *sociedade*, — pela **Patria** !

I — DOS CURSOS

1. A *Escola Moderna* conta os seguintes cursos :
 - a) *primario* ;
 - b) *secundario* ;
 - c) *especial* ;
2. O *curso primario* comprehende :

1.º anno	{	1.ª classe ;
		2.ª classe ;
2.º anno	{	3.ª classe ;
		4.ª classe (<i>curso complementar</i>)
3. O *curso secundario* divide-se :
 - 1.º anno ;
 - 2.º anno ;
 - 3.º anno ;
4. O *curso especial* abrange :
 - 1.º anno ;
 - 2.º anno ;
 - 3.º anno.
5. As *materias* do *curso primario* que conclue pelo *complementar*, habilitam o *alumno* á *matricula* no *secundario*.
6. O *curso secundario*, em *trez annos*, prepara o *alumno* a qualquer dos ramos do *curso especial*. E', como o *primario*, *theorico* e *pratico*.
7. O *curso especial* abrange e completa o estudo de *materias particulares* a diversos ramos de *actividade humana*.
- § O *alumno* poderá frequentar todas as *aulas*, ou somente as que constituem o ramo de sua *escolha*.
8. Para os *alunos* que pretendam consagrar-se ao *magisterio*, ha o curso de **Pedagogia** ; o de **Latim** e **Grego** para os que

pretendam seguir o *gymnastial*; o de **Escripturação mercantil**, para os que tencionem dedicar-se ao *commercio*, etc.

9. O ensino de francez, inglez e allemão, é theorico e pratico.
N. B. — Ver o quadrò A, annexo.

II—DA MATRICULA

10. Os alumnos serão admittidos á matricula em o 1.º anno de cada curso, mediante exame vago do curso anterior, afim de que não haja solução de continuidade no ensinamento da *Escola Moderna* que constitue todo homogeneo e logico.

11. Edade de matricula :

- a) *curso primario* : 7 a 10 annos;
- b) *curso secundario* ; 10 a 13 annos ;
- c) *curso especial* : 13 a 15 annos.

12. O numero maximo de alumnos será de (60), divididos pelos trez cursos.

§ Se o numero de concorrentes á matricula exceder de 40 aos 60 primeiros, serão construidos outros edificios escolares, de conformidade com a *escola base*, evitando assim excessivo numero nas aulas, o que é improficuo aos alumnos e contrario á pedagogia moderna.

13. A *Escola Moderna* só pode ser *internato*, dada sua organização especial ; como *externato* o aproveitamento dos alumnos diminuiria sensivelmente.

14. O preço da *matricula annual* é de 2:000\$000 rs., pagaveis em duas prestações semestraes adiantadas, sendo a primeira no acto da matricula e a segunda em Junho. — O pagamento pode ser feito de uma só vez.

§ 1.º A *Escola* fornece aos alumnos pennas, papel, livros ; lavagem e engommado de roupa ; medico e pharmacia ; instrumentos e ferramentas de trabalho.

§ 2.º Os instrumentos de muzica serão adquiridos pelos alumnos.

§ 3.º O enxoval de cama e vestuario interno serão combinados na occasião da matricula. — Não ha uniforme, nem distinctivos.

III—DA VIDA ESCOLAR

15. A *vida de familia* assegura o conforto e moralidade da *Escola*.

16. Em dias determinados, alumnos e professores, em turmas distinctas, farão passeios e excursões, visitas ao muzeo, fabricas, usinas, estabelecimentos commerciaes, agricolas, etc.

17. As horas de estudo, trabalho manual, recreio, repouso, refeições, etc., acham-se prescriptas com decernimento. (Ver quadros B e C.)

18. Não ha grandes dormitórios, porem alcovas, sufficientemente espaçosas e arejadas, para um ou dous alumnos.

19. Sendo a *mesa* ponto de reunião, harmonia, civilidade e exemplo, as refeições são as mesmas das familias dos directores, tomadas em commum, não havendo *mesas especiaes* e á parte.

20. Os enfermos, em compartimentos proprios, sob o desvelo da familia dos directores,—escolherão o tratamento *homœopathico* ou *allopathico*, a criterio dos paes ou tutores.

§ A escolha dos medicos fica ao criterio dos directores, quando a familia não possa indical-os.

EPOCHAS DE ESTUDO E REPOUSO

(B)

Janeiro	3			Abertura dos cursos. (<i>Verão</i>)
»	3	10		Distribuição e organização das classes.
»	10	20	Março	Aulas.
Março	21	30		Ferías parciaes. (<i>Outono</i>)
Abril	1	31	Maio	Aulas.
Junho	1	15		Exames parciaes.
»	16	31	Julho	Ferías geraes. (<i>Inverno</i>)
Agosto	1	14	Novembro	Aulas.
Novembro	15			Encerramento dos cursos. (<i>Primavera</i>)
»	16	30		Exames de anno.
Dezembro	1	31		Ferías.

N. B.—Ha no anno mais de 225 dias de aula, alem de 29 dias de exame. As ferías abrangem cerca de 85 dias.

(C)

VERÃO	HINV.	HORARIO
5—6	6—7	banho—e 1. ^a refeição (café).
5—9	7—10	aulas.
9—10	10—11	2. ^a refeição (almoço) e repouso.
10—1	11—1	aulas.
	1—2	jogos olympicos.
1—4	2—4	trabalhos manuaes.
4—5	4—5	3. ^a refeição (jantar) e repouso.
5—7	5—6,30'	recreio—jogos olympicos.
7—8,30'	6,30'—8	estudo—conferencias, saraos, etc.
8,30'—9	8—9	4. ^a refeição (chá)—e repouso.
9—5	9—6	Repouso nocturno.

N. B.—*Verão*—de 21 de Setembro a 21 de Março.

Hinv.—de 21 de Março a 21 de Setembro.

IV—DOS TEMPOS DE ESTUDO E REPOUSO

21. As aulas occuparão as primeiras horas do dia, consagrada a outra parte a trabalhos manuaes, jogos, muzica, etc.

22. O systema de ferias prolongadas, uma só vez no anno, deshabitando o alumno ao estudo, é modificado pelo de *ferias parciaes*, necessarios e salutaes repousos, nos intervallos das diversas partes do anno lectivo. Justificam as ferias de Junho o rigor da estação hibernosa e a impropriedade da epocha á cultura das terras.

23. Durante as *grandes ferias*, como nas pequenas, os alumnos poderão volver á casa paterna, assim mantendo vivido o affectuoso elo da familia.

§ Os alumnos que, no periodo das ferias, ficarem na *Escola*, farão com os professores excursões e estudos.

V—ALGUMAS VANTAGENS

24. A organização e modo de ensino da *Escola Moderna* oferecem numerosas vantagens á instrucção, educação e economia dos educandos :

a) O *curso secundario* ministra, alem dos estudos de humanidades, conhecimentos technicos e utilitarios ;

b) Terminado o *curso especial*, o joven (de 15 a 18 annos) achase apto a *ganhar a vida*, quando, em geral, nessa idade, ao concluir os *preparatorios*, apenas dispõe de vaga habilitação á *vida pratica*, —de onde a grande concorrência á *burocracia* ;

c) A *vida de familia*, como bem observa E. Demolins, não interrompida durante a formação intellectual e moral do joven, habitua-o ao trato e respeito social, apura-lhe a lingoagem, eleva-lhe os sentimentos :

d) Os alumnos serão orientados na *vida pratica* ;

e) Possui a *Escola* cuidada *Bibliotheca*, e boas revistas illustradas, facultando aos educandos optimos meio de estudo ;

f) E' não pequena a economia dos Snrs. paes ou tutores com os objectos que a *Escola* fornece ;

g) Os alumnos cultivarão, praticamente, duas ou trez lingoas, de muita utilidade no commercio, nas industrias e outros ramos de actividade humana.

25. Possuirá a *Escola Moderna*, entre outras bemfeitorias,— areas de cultura, jardins, depositos, casa de aulas, enfermaria, marcenaria, serralheria, alfaiataria, typographia, encadernação, bibliotheca, laboratorios, sala de armas, campos de jogos olympicos, tanque de natação e exercicios de remo, aparelhos cinematographicos, etc. etc.

26. Subvencionada a *Escola Moderna* pelo Governo, o preço da matricula será diminuido, e admittidos gratis alguns alumnos, na proporção do subsidio obtido.

Coritiba, 30 de Abril de 1907.

DARIO VELLOZO.

Rua Silva Jardim, 108. Coritiba—PARANA'

QUADRO HEBDOMADARIO DAS MATERIAS DE ENSINO, CONFORME
OS PROGRAMMAS DA ESCOLA MODERNA

(A)

	I—Aulas	Curso primario		Curso secundario			Curso especial		
		1.º anno	2.º anno	1.º anno	2.º anno	3.º anno	1.º anno	2.º anno	3.º anno
		MANHAN							
	Portuguez	6 h	6 h	5 h	3 h	2 h	1 h	1 h	
	Francez			3 h	3 h	1 h	1 h	1 h	
	Inglez e allemão			3 h	2 h	1 h	1 h	1 h	
	Latim e grego						1 h	4 h	2 h
	Geographia			2 h	2 h				
	Chorographia	3 h	3 h		3 h	2 h			
	Historia			2 h	2 h				
	Historia do Brazil	2 h	2 h			3 h	1 h		
	Arithmetica	6 h	6 h	3 h	2 h				
	Algebra				1 h	2 h			
	Geometria e Trigonometria					3 h	2 h	1 h	
	Physica	1 h	1 h	1 h	1 h	2 h	2 h		
	Chimica	1 h	1 h	1 h	1 h	2 h	1 h	2 h	
	Geologia, mineralogia	1 h	1 h	1 h			2 h		
	Botanica	1 h	1 h	1 h			2 h	2 h	
	Zologia	1 h	1 h		1 h	1 h	2 h	2 h	
	Dezenho e Muzica	2 h	2 h	1 h	1 h	2 h	2 h	2 h	2 h
	Agronomia e Colonização				1 h	2 h	2 h	2 h	6 h
	Commercio e Escript. mercantil						1 h	2 h	5 h
	Pedagogia						1 h	2 h	3 h
	Industrias e artes			1 h	1 h	1 h	2 h	2 h	6 h

	II—Estudos praticos							
	1.º anno	2.º anno	1.º anno	2.º anno	3.º anno	1.º anno	2.º anno	3.º anno
DEPOIS DO MEIO DIA								
	Jardinagem e cultura	6 h	6 h	3 h	3 h	3 h	3 h	3 h
	Artes e officios			3 h	3 h	3 h	6 h	6 h
	Collecções de mineraes, plantas e animaes	6 h	6 h	6 h	6 h	6 h	3 h	3 h
	Nivelamento, plantas, construcções de pontes, estradas, etc.						3 h	3 h
	Gymnastica, esgrima, equitação, natação	6 h	6 h	6 h	6 h	6 h	3 h	3 h

III--Ocupações artisticas e diversões		
A' NOITE	Segundas	Leituras ; vi- das illustres.
	Terças	Declamação, theatro.
	Quartas	Conferen- cias littera- rias e artis- ticas.
	Quintas	Sculptura, modelagem ; - dança.
	Sextas	Concertos : muzica e can- to.
	Sabbados	Conferen- cias scienti- ficas e pro- jecções.
	Domingos	Instrucção moral e civi- ca. Logica.
		(1) O estudo do francez, do in- glez e do allemão é, desde o inicio, theorico e pratico. (2) A Escola dispõe de revistas, jornaes litterarios, scientificos, agricolas e artisticos em francez, inglez e allemão. (3) Os alumnos que se destinem á Agricultura, á Industria ou ao Commercio receberão na Escola o necessario preparo para se consa- grarem directamente a essas pro- fissões. (4) Os alumnos que quizerem cursar o 5º e 6º annos do Gymna- sio continuando na Escola, pode- rão fazel-o, como alumnos desta, recebendo dos professores do es- tabelecimento as explicações ne- cessarias.

Pedagogia

Deve apparecer brevemente á luz da publicidade uma obra pedagogica, lavrada pelo nosso conspicuo consocio honorario e redactor chefe desta revista, Sr. Dario Vellozo.

Pelas columnas desta revista já o nosso preclaro collaborador Dr. Azevedo Macedo publicou algumas apreciações referentes a essa importante obra com a elaboração da qual vae o illustre pedagogista prestar mais um relevantissimo serviço á nossa instrucção publica.

Todos os professores do Paraná devem adquirir o referido livro, dirigindo-se para esse fim a qualquer membro da Directoria do Gremio.

Cumpra aos educadores esforçarem-se por cumprir do melhor modo possivel os deveres que concernem ao seo cargo, exercendo o magisterio com intelligencia e dedicação; e pois se lhes depara agora um ensejo de se aperfeiçoarem na exalçavel profissão de mestres, ampliando os seus conhecimentos da sciencia da educação.

Recommendamos-lhes pois, a obra do Sr. Dario Vellozo, prestes a surgir ao lume da publicidade.



ESTUDINHOS DE FRANCÊS

PELO CONEGO BRAGA

(Palestras (Continuado de ns. 3, 4 e 6—1906, e 1—4 deste anno)

Pronúncia Francêsa

V

Professor. — « São *accentos*, em geral, uns signaes que assignalam variedade de pronúnciação das vogaes.

E são tres usados em francês: — *l'augu* (*lê-gú*), o agudo (^ˆ), como no *é fermé* (*ê fermê*) de *vérité* (*vê-ri-tê*), *bonté* (*bonté*)—verdade, bondade, o grave (`), como no *è* (*ê*) *ouvert* (*u-vér*) de *père* (*pér'*) pai,—*mère* (*mér'*) mãe,—*frère* (*frèr'*) irmão, e o circumflexo (aberto como o *è* e mais alongado que elle), como *tête* (*tét'*) cabeça...

Nair. — E o *é* fechado?

Profess. — *L'è fermé*—é chamado assim por se pronunciar com a bôca quasi fechada, por ex.: em *équité* (*ê-ki-tê*), equidade,—*témérité* (*tê-mê-ri-tê*), temeridade.

— Não s'esqueçam minhas amigas de que nos servimos de acêntos usados em português para figurar a pronúncia, e são justamente o contrário do que valem em francês.

Assim,—o *é* fechado em francês correspônde ao *ê* circumflexo de português em *mercê*, *vê*, *relê*; o *è* aberto francês, ao agudo em português, como em *pé*, *fé*, *Taubaté*; e o circumflexo (*è*) sobre o *ê* (que sobre as demais vogáis — *a*, *i*, *o*, *u*, não altera a pronúncia, embora pretendam alguns que altera em *â*—*âme*, *âne*, etc, e apenas indica uma síncope de letras no vocábulo), fal-o aberto como em *pé* e mais alongado (quasi como *é*—de *prégar*—e o *a* de *mas* conjunção, pronunciada á portuguesa)—*tête* (*tét'*), cabeça.

O *é* fechado (*é fermé*) assinala-se com o acênto agúdo, excêto quando a sua pronúncia é determinadapor uma consôante que se lhe ségue immediatamente na mesma linha, como *rocher* (*rô-xê*), *rochêdo*,—*nez* (*nê*), nariz,—*aimer* (*ai-mê*)—amar,—se *fier* (*s' fi-ê*)—fiar-se, confiar-se.

A sílaba *er*, caraterística de todos os verbos francêses da 1ª conjugação, pronuncia-se sempre como *é fermé*,—como em *chanter* (*xan-tê*), cantar, *danser* (*dan-cê*) dançar, *penser*, (*pan-cê*), pensar.

Terêmos de *vêr* (*) algúmas exceções quanto a *er*, que nos monosílabos é brando, como em *ver* (*ver*) verme, *ermitage* (*er-mi-táj'*) ermiterio; e quando se lhe ségue *s*, outra consôante, no fim dos vocábulos é aberto, como em *vers*, (*vér*), verso com (preposição, *erse* (*érc'*) erse, gaëlica (língua), *ers* (*ér*), ervilha de pombo (planta), etc; no principio e no meio de alguns vocábulos, como eu *erreur* (*ér-reur*), f. érro.

(*) Terêmos *de vêr* ou *que vêr*, que é português lidimo, e não—*teremos a vêr*, como já se usa,—é francesia

E' aberto no fim de certos vocábulos terminados em *er* (sendo a régra geral *er-ê* fechado — *danger* — dan-jê. *rochèr*—rô-xê, etc.), como — *hiver* (*i-vér*), inverno, *Jupiter* (jú-pi-tér), Júpiter, *Abner*, *gasser*, *messer*, *Anvers*, etc, e os adjetivos—*fier*, *amer*, etc.

Alaïde. — Mas, é absoluta essa régra?

Profess. — Não, nem o póde ser.

Irá vêndo com a prática que geralmente há tantas exceções quantas régras; só o que é absoluto e fundamental são as duas régras de que já tratámos. 1.^a que em francês páira a sílaba tónica na ultima do vocabulo quando este é *oxitono* (agudo) — *vertu*, *main*, *portrait*, e na penultima, quando é *paroxitono* (gráve), como em *père*, *mère*, *il chante*, *elles chantent*. 2.^a que não vai nunca além da penultima. Quando o vocábulo é de muitas sílabas e longo, póde havêr uma segunda pausa ou *tónica* por atração ou analogia. Julga-se *paroxitono* o vocábulo sempre que acaba por *e* mudo como *monde*, *poule*, ou seu equivalente prosódico, como *ils parlent*, *elles chantaient*, *chanteraient*, *les pères*, *les mondes*.

Iracema. — Bravo! — Já sei dizêr — *la vérité est la lumière* (la vê-ri-tê é la lu-mi-ér) *des siècles* — *dé si-écl*).

Professôr. — Já vimos que *ai*— equivale, óra a *e* mudo, como no verbo *faire* (*fér'*) fazêr, em *faisant* (*f'zân*), fazêndo, *nous faisons* (nú f'zôn) nós fazêmos, *je faisais*, *tu faisais*, em todas as pessôas desse pretérito imperfeito, e nos seus compóstos, óra a *è ouvert*, no fim dos vocábulos, quando se lhe séguem *e*, *t*, *s*, *x*, etc, pois que sôa como *è* de *vê*, em *j'ai* (*jê*), eu tenho ou hei, e sêmpre na 1.^a pessôa do singular do futuro do indicativo de todos os verbos—*j'aurai* (*jô-rê*), *je serai* (*j' se-rê*), *aimerai*, *finirai*, *recevrai*, *rendrai*. Si se lhe acrescentar *e*, *s*, *t*, etc., torna-se aberto — ex. — que *j'aie* (*jé*) eu tenha, *aimerais*, *aimais*, *chantai*—e *puix*, *portrait*, *vraie*. (1)

Ai, geralmente, sôa *è* portugûês no fim dos vocabulos.

Iracema. — Mas, quanta história só com a letra *e*!

Alaïde. — Quer dizêr com isso que em portugûês tambem não

(1) — Eis algumas considerações que faz Passerat, agregado da Universidade de Paris, e colaboradôr do *Dictionnaire Général des Lettres*, etc, tratando do alfabeto:

« Muito há tambem que se dizêr contra o nosso alfabeto, que cumpre de alguma fôrma desaprender para se pronunciar uma multidão de palavras e se escrevêrem segundo as régras da ortografia recebida, quasi sempre contraditória com o alfabeto. Assim, damos o sôn *a* a *e* em *femme*, a *i* em *bois* (*bo-á*); *e* representa 5 sons diferentes, (*é*, *è*, *ê*, *e*, *a*).

O sôn *o* ainda é representado pelas combinações de vogais *au*, *eu*, *y*, que não é legitimo sinão nos nomes de origem grega, exerce muitas vêzes o emprego de *i*, e ainda mais amiude vâle dois *i*.

H vogal ou *h* mudo é inteiramente inutil, quando não é um sinal etimológico.

H aspirado nunca se pronuncia, e é tão mudo como o outro; não póde nem si quêr servir de sinal na leitura e advertir que não se déve ligar a consoante final da palavra immediatamente precedente com a sílaba inicial da que comêça por *h*, e que não se deve pronunciar *les haines* como *les aines*, *les héros* como *les êtres* (*lé-zêtr'*).

Não fôra mais cômodo e mais lógico modificar-lhe levemente a fôrma?

Quanto a isso é um estrangeiro obrigado a aprendêr de cór, afim de evitar os en

têm o *e* diferentes sons, como em *fazêr*, *pé*, *mercê*, *dôcê*, *fêz* (*fêiz* ou *fês*), exemplo (*eizêmplo*), docemênte, rompe. *vále*, etc ?

Irabema. — Não me lembrava. . .

Nair. — *Tableau!* (*ia-blô.*)

Profess. — Têmos ainda que tratar do *ai*, e de criticar os defeitos de muitos sinais insuficientes, exprimindo sons diferentes e opostos.

Assim. *ais* = *é*, e as gramáticas dão geralmente — *Je sais* (*je sé*) quando é uma exceção e se deve pronunciar — *je sê*, brando.

Façam estes exercicios.

Ton thé t'a-t-il guéri ta toux ?

(*tôn lê tá-til guêri*) *ta túx ?*

Teu chá tem-te curado a tósse ?

La vérité est la lumière de la raison.

(*La vê-ri-tê é la-lu-mi-er' d' la ré'-zôn*).

A verdade é a luz da razão.

Les Etats-Unis du Brésil.

(*lé—zê-tá-zú-ni du brê-zil*).

Os Estados-Unidos do Brasil.

Au revoir.

Jusqu'à demain.

CONEGO BRAGA.

Escolas maternas

E' curioso que no Brazil, onde aliás já existem algumas dessas escolas, muita gente desconheça o seo maravilhoso e incomparavel papel na economia da instrucção publica.

Nada menos de trez paizes, Portugal, Inglaterra e França disputam a primasia dessa iniciativa altamente civilisadora. Conta-se que uma dama de alta sociedade franceza, na éra de 1801, vio das janellas do seo palacio uma pequena com uma creança ligada ás costas; para

ganos, as 100 ou 120 palavras mui ligeiramente aspiradas de nossa lingua; e sobre esse pônto os francêses não evitam o êrro, sinão quando seus ouvidos têm sido chocados a miúde com tais *hiátos* na conversação das pessôas que falam corrétamente. O *c* duro pôde ser representado por *e*, *k*, *q*, e algumas vêzes por *ch*, etc.

— Sôns simples particulares á nossa lingua nella não têm sinal algum representativo e compõem-se algumas vêzes de três lêtras irreconheciveis aos ouvidos: *an*, *in* (*ein*), *ou*, *un*.

Em compensação, as duas letras *en* representam, óra *an*, óra *in*, (*enlover*, *ancien*)

O sôn *e* ainda é representado por *ai*, ou mêsmo por *ais*, *ait* (*j'ai*, *je ferai*, *je sais*, *il sait*; o sôn *é*, por *ais*, *ait*, *aie* e tambem por *ai* (*mais*, *mai*, *lai*, *balai*, *ivraie*), etc.

Em vista disto fíem-se na *autoridade absoluta* da gramática. *Halbout*, aliás bôn, manda pronunciar *je sais*, *il sait* = *je sé*, *il sé*.

E como o francês é lingua que todos sâbem, e até muitos que ignoram entre nós a sua vernácula, não raro se mêtem inspirados a têorizar o de que não entêdem porque lêram de relance em algum compêndio. Assim, quêrem, por exêmplo, que toda vogal de fim de vocábulo se ligue á vogal do vocábulo seguinte; ignôram, porém, que a lingua francêsa mais do que outras, atênde sobremódo á eufonia, etc.

Et risum teneátis.

descancar do fardo, a rapariga encostava-se ao parapeito da praça Luiz XV, não obstante os continuos gritos e lagrimas da criança dolorosamente maguada com a pressão das ligaduras. Commovida por esse espectáculo quotidiano de gemidos e de miserias, embora a rapariga não esmolasse, quiz a marqueza de Pastoret saber toda a causa do enygma. Um dia, desceo, foi ter com a rapariga, mandou-a subir aos seos aposentos, desfez as ataduras, soltou os trapos e achou a desgraçada creança com a espinha dorsal deslocada, as pernas arqueadas pelo continuo de uma posição fóra do natural.

Pelas respostas que teve ás suas sollicitas perguntas, veio a saber que a pobre mãe, sendo obrigada a ir trabalhar longe de casa e temendo que a filha mais velha por descuido ou canção deixasse cair o irmão ligava-o ás costas della ao sair pela manhã e só quando de noite recolhia á casa, é que o desatava. Facil foi reconhecer que a necessidade de ganhar o pão fazia com que a desventurada mulher, sollicita pelos filhos e procurando evitar maiores males, expunha-os a deformidades phisicas, á depravação resultante da ignorancia e da ociosidade a que os deixava entregues. Descoberto o caminho, ainda mais facil foi ver que eguaes cuidados aos dessa triste mãe, egual necessidade de passar um dia inteiro fóra de casa punham o coração de um sem numero de mulheres da classe que vive do trabalho diario.

Perante isso, deante da generalidade dos factos em condições quasi identicas, sem esperar pela iniciativa difficil do Estado, a nobre dama investio-se espontaneamente de uma missão social immediata e prompta. Poucos dias depois viam-se doze berços numa espaçosa e bem arejada sala da rua Miromenil onde as mães jornaleiras depositavam os filhos todas as manhãs, vindo amamental-os duas ou trez vezes durante o dia e retirando-os á noite.

Tal a origem das salas de asylo ou escolas maternas.

O que primeiro se teve em vista foi dar allivio, segurança e liberdade de trabalho ás mães de familia.

Depois, tratou-se de desenvolver phisica e moralmente as creanças. Assim foi para as pobres mães de creanças de peito, as mais subjugadas de todas as mães, que se abriram as primeiras salas de asylo ou gymnasios, onde a infancia de menos de sete annos adquire os primeiros rudimentos da educação.

E' uma circumstancia caracteristica desta obra admiravel e que se não deve esquecer. Todas as experiencias vastamente repetidas, todos ulteriores estudos dos philantropos, nada accrescentaram de essencial á instituição formosissima da marqueza de Pastoret. Vendo e examinando esta grande invenção caritativa e educadora, a celebre viajante e professora ingleza, miss Mari Edgeworth, confessou o seo entusiasmo e declarou que era a mais recente e importante descoberta da economia social, demonstrando a sinceridade da sua opinião pelos serviços empregados, no sentido de implantal-a no seo paiz.

Em rapidos e pallidos traços, eis ahi a modesta historia da origem das escolas maternas.

Curvello de Mendonça.

Educação moral e instrução cívica

Na opinião dos homens eminentes e dos homens de bem que se preocupam com o problema da educação, a moral e a instrução cívica devem ter importante logar nos programmas do ensino.

A moral é um dos estudos que melhor preparam para a vida, educando a vontade e encaminhando-a para a senda da justiça e do dever.

Na educação moral o professor pelo exemplo, pela pratica de acções honestas, pelos conselhos e pelos ensinamentos tirados a proposito das lições dadas nas aulas, quer de linguas quer de sciencia, procurará dirigir a conducta dos alumnos para o caminho de uma moralidade incorruptivel e inspirar-lhe os sentimentos no mais desinteressado proximismo.

Na historia, que é uma admiravel escola de patriotismo, na historia, «que é alma da patria», encontrará o professor meios de contribuir para a educação moral dos escolares.

O ensino da historia pode e deve servir para fortificar o sentimento moral. Pesquisando a verdade, esforça-se por proval-a. O professor é um juiz imparcial dos factos e das doutrinas; suas crenças pessoais e seu patriotismo, escreve Lavisse, não prevalecem sobre sua equidade, que deve ser absoluta. Assim praticando, todo o ensino da historia é uma lição de moral; se para os canalhas e covardes não deve haver panegyricos, toda bella acção, pelo contrario, toda bella vida merece louvores. Evitará dogmatizar, declamar, pregar mas deter-se-ha deante dos homens de bem.

Para ensinar os deveres de homem muitas outras classes ainda offerecem oportunidades e conjecturas. Na de arithmetica, por exemplo, o professor fará resolver problemas relativos ás quantias que perdem os operarios quando deixam de trabalhar, as dissipadas em consequencia do alcoolismo, do jogo, finalmente problemas adequados a pôr em relevo a utilidade do trabalho e da economia.

A educação moral não será objecto de curso especial com professores, programmas, compendios, exames; a moral usual deve ensinar-se, como aconselha Maurice de Fleury, á maneira de recreio, entre dois exercicios classicos; deve nascer espontaneamente a proposito de uma phrase encontrada num texto, melhor ainda, a proposito de um pequeno facto de vida collegial, de uma disputa, de um accesso de colera, de uma crise de preguiça ou de mentira verificada. E' preciso que o professor não perca a occasião de um bom conselho.

O dever do professor é formar homens uteis, chefes de familia, honestos e alegres ganhadores do pão quotidiano, e não somente bachareis. Cultivar-lhes o espirito, temperar-lhes o coração, fazel-os probos, apaixonados da justiça, altivos e dignos com os poderosos, compassivos com os pequenos, calmos com os eguaes, inimigos da mentira; cultivar-lhes a personalidade, não no sentido do egoismo, mas da independencia discreta. Decidir por si, não soffrer influencias nefastas, saber o que quer, eis as grandes forças do mundo. Deve, finalmente, abrir os olhos aos jo-

vens fracos, descuidosos do futuro, promptos ao prazer facil, afim de salv-os do definhamento prematuro, do embrutecimento, do aviltamento precoces.

Tão necessaria como a moral, se o não fôr mais, é a parte da instrucção que procura abrir o espirito do homem á comprehensão de seus deveres para com a patria, fortalecendo-o ou incitando-o ao cumprimento espontaneo e escrupuloso de todos elles.

Sem educação civica um Estado não pode manter-se.

A educação civica é uma parte da educação moral ; seo principal encargo cabe tambem ao professor de historia.

No que diz respeito a educação e ensino civico e tomando por norma as resoluções votadas pelo Congresso dos professores, reunidos em Pariz em 1902, deve se estabelecer que :

1.º) Dar o «ensino» civico e social é fazer conhecer de modo methodico e fazer comprehender ás crianças:

Os principios sobre que são fundadas as instituições do paiz ; estas instituições, suas origens e suas transformações historicas, os direitos e os deveres politicos e sociaes dos cidadãos ;

As diferentes fórmãs de associação politica, sua evolução e suas relações com o meio social e economico.

b) Dar a «educação» civica e social:

E' orientar as aptidões intellectuaes e moraes da creança, para a meditação e a pratica proxima de seus direitos e de seus deveres politicos e sociaes;

E' ensinar á creança seus deveres para com a patria.

Esta educação não se contenta somente em respeitar a liberdade da creança ; ella a cultiva, a desenvolve e a moraliza, associande-lhe a idéa de justiça e de solidariedade humana.

Nesta educação, toda a intervenção da politica dos partidos é incompativel com a formação de um espirito livre.

II - «Ensino» a) O ensino civico e social, que deve existir no estado difuso em todo o curso dos estudos primarios e secundario, será dado, em proporção ao espirito dos alumnos e de modo independente, em conferencias especiaes, durante o ultimo anno do primeiro cyclo e será objecto de estudo especial no cyclo superior.

b) Este ensino, em suas grandes linhas, assentará sobre a Declaração dos Direitos (art. 72 da Constituição) ; os principios da Constituição e do direito publico brasileiro ; os deveres para com a patria ; os deveres de solidariedade entre os concidadãos ; a moral civica, social e internacional.

Este ensino deverá ser completado por noções precisas sobre as condições politicas e economicas dos principaes Estados, os agrupamentos desses Estados e as grandes questões internacionaes.

Entre as grandes questões internacionaes está comprehendida a da arbitragem, indicada pela nossa Constituição e fixada pela conferencia de Haya.

c) Occorre fundar o ensino civico e social, nas classes elementares,

sobre a declaração dos direitos do homem, explicada por um commenario apropriado á idade e ao desenvolvimento intellectual das crianças.

III "Educação"—a) Não occorre editar, no ponto de vista pedagogico regras especiaes, para a educação civica e social. Esta educação resulta normalmente de uma instrucção e de uma educação geraes bem conduzidas, e principalmente da instrucção civica sendo o espirito civico fundado sobre a justa noção das relações dos homens entre si e de seos communs interesses.

b) D'ahi resulta:

1º Que uma educação civica e social scientifica e, por consequencia, methodica, capaz de preparar os jovens para desempenhar com razão e moralidade sua tarefa de cidadãos, deve ser garantida a todos os alumnos do ensino secundario;

2º Que os professores devem inspirar a seos alumnos o desejo de tomar parte nas associações de protecção "post-escolares" leigas.

IV Este ensino e esta educação serão exclusivamente confiados aos professores titulares e adjuntos, que nelle collaboram em razão de suas funcções respectivas.

PAULO TAVARES.

A Escola e o Cidadão

O fim da Escola é preparar cidadãos—e dahi o dever de todos os professores de procurar por todos os meios fazer com que a creança seja transformada em cidadão consciente, que tenha a razão liberta de todos os absurdos que avassalam as consciencias fracas.

Para nós, um dos factores do *cidadão consciente* é o character do alumno, polido pelo professor.—O homem que tem character, o homem que tem um proceder escoreito, que se não curva ante eguaes, para adular-os e tel-os como amigos nem, ante superiores para bajular-os, é cidadão racionalista.

Geralmente, quando a creança entra para a Escola—segundo lar—tem character, caso tenha sido creada em meio de gente honrada e digna.

E o professor, então, pacientemente, deve estudar o character do alumno.

Senhor das tendencias das creanças—más ou boas, o professor guial-as-a e fortifical-as-a.

E a creança, embora tenha tendencia para o mal, ha de procurar reagir contra este.

Os bons, naturalmente coadjuvados pelo mestre, polirão o character, fazendo-o guia de todas as suas accções e intenções.

Supponhamos, porém que o professor—semi instruido—procure amoldar o *caractere* a razão da creança a seo bel prazer.

Pode essa creança tornar-se bom cidadão ?

Não ! O character da creança precisa de *reforço* e não de *mentores* que vão de encontro á sua razão. Um professor publico, por exemplo,

eo conheci, que obrigava os seus alumnos a serem protestantes, isto é, seguirem a religião que elle seguia.

O que *protestava* de facto, era obrigado a ficar de pé no para-peito de uma janela com peso de 5 kilos na mão!

Outro professor, tambem publico, palmatoava e punha de joelhos sobre cascalhos os alumnos que não davam certas as lições de catecismo ou que não queriam acreditar na cartilha!

Essas creanças, homens têm um character dubio, e uma razão fragil, pois que na escola apprendem a custa de bolos uma cousa e no lar outra! Absurdo isso; que cidadão sae dahi? E é de cidadãos desse quilate que a Republica necessita? Não e não! Professores! Procuraes, portanto, guiar a razão da creança ajudando-a a saltar os escolhos que a cada passo encontra, e amanhã o Brazil será composto, não de cidadãos que dizem: eo creio por que foi assim que o mestre me ensinou; que emfim se envergonham—e estamos em plena Republica democratica!—quando se os tratam de cidadãos; mas, sim de homens que alto e bom som clamem:

Eo creio porque comprehendo e porque minha razão manda-me que creia; eo sou cidadão e honro-me em sel-o.

Raul Rodrigues Gomes

Morretes, 1907.

ESCOLA NORMAL

3.º ANNO

Historia Universal

1.ª Sabbatina

Preliminares.--Prehistoria

— Historia é o estudo das civilizações humanas.

— Civilização é o conjuncto das artes, sciencias, letras, religião, usos, costumes, etc., de um povo.

Para uniformidade do estudo, a historia foi dividida em tres grandes periodos: Antiga, Media e Moderna.

A historia Antiga subdivide-se em Antiguidade Oriental, cuja civilização influenciou indirectamente a civilização europea, e abrange os Egypcios, Assyrios e Babylonios, Hebreos, Phenicios, Iranianos, Hindús e Chinezes; Antiguidade Classica, comprehendendo os Gregos e os Romanos, assim chamada por ter sua civilização servido de base á civilização europea.

A idade Media ou Tempos Medievaes, abrange o periodo que decorre da Queda de Roma ao cair do throno de Constantinopolis (476-1453).

A historia Moderna ou Tempos Modernos subdivide-se em dous periodos: historia moderna propriamente dita, abrangendo os tempos decorridos da Queda do Imperio Bysantino, em 1453, á

grande revolução franceza de 1789; e historia contemporanea, de 1789 aos nossos dias.

Do homem prehistorico—Ha diversas opiniões a respeito da existencia do homem primitivo. Segundo alguns autores a sua appareção data do periodo terciario, segundo outros elle somente surgiu no periodo quaternario.

Em escavações geologicas, feitas por sabios illustres, como o naturalista inglez Henry e o sr. Desnoyers, foram encontrados restos humanos misturados com ossos de animaes que viveram no periodo terciario. Outros, como Bucher de Perthes, Eduardo Lartet, Christy, etc., encontraram dados que attestam a existencia do homem no periodo quaternario; comtudo não está definitivamente estabelecido se elle surgiu no periodo terciario, se no quaternario. Sabe-se entretanto que o homem existio em épocas mui remotas. Mortillet é de opinião que o homem existe ha 230.000 annos.

Edades prehistoricas—São as edades em que viveram os homens antes dos periodos historicos. As edades prehistoricas estão classificadas em tres periodos:

1.º Edade da pedra, subdividida em *paleolithica* ou antiga, que é o periodo da pedra lascada, e *neolithica* ou pedra nova que é o periodo da pedra polida;

2.º Edade do bronze;

3.º Edade do ferro.

Pedra lascada—No periodo da pedra lascada o homem era *toglodita*, isto é, habitava cavernas e grutas escuras, formadas pela natureza. Não conhecia ainda animaes domesticos e alimentava-se de fructas e raizes, da pesca e da caça de alguns animaes selvagens, cuja carne era devorada crua e cuja pelle lhe servia de abrigo contra os rigores do inverno.

Nomade, estabelecia-se aqui e ali, percorria montes e florestas á cata de alimento e da agua, imprescindiveis á sua existencia. Sua vida era uma lucta continua contra os animaes selvagens e contra a natureza inteira.

Teve necessidade de armas e outros objectos e construiu-os, rudes e de formas indecisas, sim; mas eram armas que lhe asseguravam o combate contra as feras e objectos que de muito lhe serviam: foi o primeiro passo á civilisação humana.

Lascou pedras e com ellas fabricou: machados, facas, cutellos, raspadeiras, pontas de lança, etc. Dentre as pedras escolhia de preferencia as de silex, talvez pela sua dureza e facilidade de lascar. Gravava em ossos de rangifer e dentes de mamuth.

Desde essas éras longinquas o homem se impunha pela sua força de vontade e amor ao trabalho. Conseguio vencer todos os obstaculos que encontrava e desses machados grosseiramente talhados, dessas gravuras informes e rudes, foi que nasceo a Arte.

Acreditavam talvez na immortalidade da alma, porquanto esqueletos humanos são sempre encontrados de envolta com os seus instrumentos e armas, o que parece não ter outra significação.

Pedra polida—Ha, então, um desenvolvimento notavel das artes e industrias do homem primitivo. Supprir as necessidades da vida não bastava já aos nossos antepassados ; tinham necessidade do bello. Juntavam o util ao agradável, e áquellas formas indecisas da idade da pedra lascada davam formas novas e artisticas. Já não lascavam : poliam.

Agrupados, construíam palhoças, onde viviam com suas familias já constituídas.

Levantavam cidades lacustres, para que estivessem sempre perto da agua e da caça, e mesmo para estar ao abrigo dos animaes ferozes.

Na Suissa encontram-se cidades lacustres como a do lago Zurich, a que os italianos denominam *palafitti*. Tinham o culto dos mortos já bastante adiantado.

Erguiam monumentos *megalithicos*, que assignalam sepulturas. Na America, Europa, Asia e Africa, foram encontrados muitos desses monumentos como o *mound* (comoro gigantesco); o *cromlech* (circulo de pedra); o *dolmem* (mesa de pedra); o *menhir* (bloco de pedra); etc.

Conheciam o fogo e tinham animaes domesticos.

Na America, os aborigenes faziam fogueiras nas sepulturas, activando o fogo durante todo o tempo em que tinham saudades dos mortos.

Conheciam a ceramica e dedicavam-se á Agricultura. Ornavam-se de perolas e conchas e fabricavam armas e objectos de uso.

O culto dos mortos desenvolve-se ; são encontrados nos tumulos vasos e urnas funérarias.

Edade do bronze.—O fogo, primeiro factor da industria humana, já era conhecido talvez antes do periodo da pedra polida ; agora é a conquista dos metaes que traz o homem elementos poderosissimos para que atinja o seo imperio sobre a natureza.

Conheceram o cobre e o estanho, que, fundidos produziram o bronze. Com esta liga fabricaram armas e objectos de uso domestico.

Entre as armas encontradas no Mexico e no Antigo Continente notam-se espadas, punhaes, pontas de lança ; entre os objectos de adorno : pulseiras, brincos, anneis, grampos de cabelo, collares, braceletes, etc.

O ferro era lhes conhecido, comquanto não fosse de uso frequente.

Ainda na epoca do bronze, alguns povos attingiram os porticos da historia. Esta epoca da Grecia foi descripta na *Illiada*, de Homero.

Os estofos de lan abrigavam-os contra os rigores do inverno.

Edade do ferro—Com a edade do ferro começam os periodos da historia, pelo que podemos consideral-a como historica.

A arte da metallurgia já conhecida na época do bronze com grande desenvolvimento, era somente praticada na fusão do cobre e do estanho.

Nesta época tinham officinas destinadas a fundir o ferro com o qual construíam escudos e lanças. No tempo das invasões romanas já este metal era conhecido dos Barbaros.

No Egypto era conhecido desde remotas edades. Os Romanos combatiam com armas de ferro.

Do homem prehistorico no Brazil.—O sabio dinamarquez Lund, que habitou as circumvisinhanças da Lagoa Santa, em Minas Geraes, em escavações feitas em grutas e cavernas encontrou fosseis que attestam a existencia do homem primitivo nesta parte da America.

Esta theoria de Lund foi esposada pelo dr. Bordier que accentuou a origem do homem e sua antiguidade.

Monogenismo e Polygenismo—Teria o homem surgido em um só ponto da Terra? Teria apparecido em diversos pontos simultaneamente? Teria surgido em diversas épocas e em diversos pontos?

Varias são as opiniões a respeito.

Duas são as escolas principaes:

Polygenista, que affirma as diversas origens e Monogenista, que dá ao homem uma unica origem.

A escola Monogenista accêta a opinião de que o homem nasceo na Asia Central e d'ali se espalhou para todos os outros pontos do globo; que differenças do habitat determinaram as diversas raças

Esta hypothese que se baseia num principio que nos parece falso e erroneo, não se póde conciliar com os modernos preceitos moraes e desenvolvimento intellectual da humanidade, porquanto ella é incompativel com o bom senso, com a razão.

Diz a escola Monogenista que os homens têm diversas côres pela influencia do clima. Mas, se elles nasceram num só paiz e dum só sangue, como conceber que o clima ou a acção do solo actuem nesses homens, da mesma origem e do mesmo sangue, de modos differentes?

A escola Monogenista não nos resolve este problema.

A escola Polygenista diz que o homem surgiu em diversos pontos da Terra, que os habitats primitivos são diversos. Se o homem surgiu em differentes pontos, se a sua origem é diversa, é claro que podem existir muitas raças.

Esta escola que assenta em dados positivos e claros, parece, resolve o problema que accentúa a origem humana.

Fontes historicas—Fontes historicas são os subsidios para o estudo da historia. São directas como: os livros, as inscrições; e indirectas como: os monumentos, as medalhas, as linguas, etc.

Alda e Esther Silva

Coritiba, 13 Abril 1907.

2.^a Sabbatina

Das artes entre os seguintes povos: Egyptios, Assyrios e Babylonios, Phenicios, Hebreos e Chinezes.

A arte, a principio, decorre da necessidade humana e mais tarde de sentimento esthetico.

As primeiras habitações eram feitas sem gosto artistico; porém, mais tarde, a architectura attingio um certo desenvolvimento, os antigos procuravam embellezar as construcções, reunindo assim o bello ao util.

Das artes a que mais se desenvolveo na antiguidade foi a architectura.

O homem quando se fixa em um lugar, a primeira cousa que necessita fazer é um abrigo, quando ahi não encontre algum, afim de se resguardar dos animaes bravios e das intemperies.

As mais notaveis obras de architectura encontradas da antiguidade são os templos, consagrados aos deozes.

Foi no Egypto onde a architectura primeiro se desenvolveo. Seus monumentos eram grandiosos e solidos, parecendo eternos, pois até agora ainda se encontram ruinas de alguns.

Entre os numerosos monumentos de architectura egypcia destacam-se: as pyramides, grandes templos e tumulos, construidas algumas na 4.^a dynastia, quando reinavam os pharaós Keops, Kephren e Mikerinos; numerosas mastabas, hypogéas e necropoles. O lago Moeris, grande reservatorio, mandado construir por Amenemah III, na XII dynastia, era destinado a supprir a inundação do Nilo quando fosse muito diminuta e a receber o superfluo d'agua, quando fosse excessiva.

O labyrintho, especie de palacio, composto de innumeradas galerias das quaes muitas eram subterraneas; o templo de Karnack em Thebas, etc.

Assyrios e Babylonios. Os principaes monumentos de architectura dos Assyrios e Babylonios foram: as muralhas, os palacios, os templos, os tumulos, os jardins suspensos, mandados construir por Nabukadnessar.

Torres dedicadas aos planetas erguiam-se magestosas, com cores diversas, de accordo com os planetas a que correspondiam; assim, a de Marte devia ser vermelha, consagrada ao deus da guerra; a de Apollo amarella, porque elle symbolisava o sol e assim as demais.

Phenicios. — Seus monumentos de architectura não visavam propriamente o bello, mas o util. Construíram obras de utilidade publica, taes como: canaes, cisternas, diques, aqueductos, etc.

Hebreos. — Entre os monumentos de architectura dos hebreos destacam-se: palacios, tumulos e o Grande Templo de Salomão, o mais importante, subdividido em: santo dos santos, lugar santo e atrio. No santo dos santos achava-se a arca de alliança; ahi só o summo-pontífice penetrava uma vez por anno, no tempo da Paschoa para proferir o nome de seu deus. O lugar santo era reservado aos

levitas, ali se erguia o altar dos perfumes. E o atrio era destinado ao povo.

Chinezes.—Os principaes monumentos de architectura chinesa foram : os arcos de triumpho, o canal imperial e muitos outros canaes, as torres. A's portas de Nanking una se elevava, octogonal, revestida de porcellana e coberta de telhas verdes, envernizadas.

A architectura variou muito de um povo para outro ; as causas que para isso contribuiram foram as seguintes : o material, o clima, etc.

O material empregado pelos egypcios sendo o granito, seos edificios eram mais solidos e duraveis ; mas eram menos estheticos porque nelles predominava a linha recta, emquanto os Assyrios e Babylonios tendo de empregar em suas construcções tijolos, nellas não predominava a linha recta como no Egypto mas a curva e a abobada, o que dava mais elegancia ás suas construcções.

O fim a que se propõe o edificio tambem lhe modifica o es'lylo.

Na antiguidade os edificios não se confundiam, porque cada um tinha a sua architectura especial ; os edificios antigos obedeciam a regras de symbolismo.

ESCUPTURA.—A principio a esculptura no Egypto era um complemento da architectura, porém mais tarde, com o seo desenvolvimento, se constituiu uma arte.

Os principaes monumentos de esculptura egypcia foram : os obeliscos, gravados de hieroglyphos, encontrados á frente dos palacios ; a estatua do escriba ; o colosso de Memnon : diziam que esta estatua desprendia sons harmoniosos quando os primeiros raios do sol nella dardejavam ; a esphinge, remotissima, era constituida de 4 partes : cabeça de mulher, corpo de touro, garras de leão e azas de aguia ; essas 4 partes encerravam 4 ensinamentos : saber, querer, ousar e calar. A cabeça de mulher representava a sabedoria, o corpo de touro o trabalho, as garras de leão a ousadia e as azas de aguia o silencio.

Os egypcios esculpiam nos sarcophagos a physionomia do fallecido.

Acreditavam que a alma, após passar por uma serie de provas diversas, depois de julgada, devia, se fosse reconhecida justa, reunir-se ao seo corpo para viver d'ahi em deante confundida com Osiris.

Assyrios e Babylonios. A esculptura entre os Assyrios e Babylonios impunha-se nos baixos relevos, apresentando por vezes character symbolico (o touro alado).

Elles esculpiam scenas religiosas, marchas reaes, caçadas, corridas, episodios da vida domestica etc.

Phenicios—A esculptura na Phenicia pouco se desenvolveo ; os phenicios esculpiam sarcophagos. Os phenicios foram celebres como navegadores.

Palestina e China—Entre os hebreos e chinezes a esculptura não foi considerada como uma arte, era o complemento da architectura. Os chinezes são especialistas em trabalhos de miniatura.

Desses paizes, onde a esculptura mais se desenvolveo foi no Egypto, porque é ahí que encontramos os principaes monumentos.

Pintura—A pintura no Egypto não foi uma verdadeira arte; os egypcios não tinham noção do claro escuro, pouco sabiam de perspectiva.

Entre os povos da Assyria e Babylonia, da Phenicia, da Palestina e da China a pintura era como no Egypto apenas de adorno.

Muzica—A muzica em todos esses povos era cultivada, acompanhando os cantos religiosos, etc

7—Maio—1907.

Sanita Arantes

Eschola Primaria

2.^a CADEIRA PROMISCUA DA CAPITAL

Professora : *D. Elvira Faria Paraná.*

Manhan de inverno

Em uma linda manhan de Maio, quando eo me levantei, senti que fazia um frio penetrante. Cheguei-me á janella que dava para o quintal e vi que o ceo estava limpido sem uma nuvemzinha. No oriente levantava-se espargindo sobre a terra seo meigo e acariciador sorriso o astro rei.

Sobre a folhagem das plantas brilhavam qual se fossem diamante, ao reflexo dos raios solares, as gottas de orvalho crystalisadas, devido á forte geada.

As creancinhas, que passavam pela rua, maltrapilhas, tiritando de frio, deixavam na minha alma juvenil uma impressão triste ao ver a differença da sorte que existe entre a humanidade.

E levei meo pensamento a Deos e pedi que protegesse a todos que soffressem frio, e depois fui collocar-me para estudar as minhas lições sob a protecção do sol da manhan

Coritiba, 11 de Maio de 1907.

Margarida Lopes (12 annos de idade).

DESCRIPÇÃO

Uma manhan de inverno

Vou descrever uma manhan de inverno.

Da noite á madrugada as ruas ficam brancas de gelo.

Oh ! que manhans formosas faz no inverno.

As ruas ficam todas brancas de gelo, então ás 8 horas vem nascendo o sol; as gottinhas de orvalho com a luz do sol brilham como se fossem brilhantes.

Ha pessôas que gostam do inverno, eu apesar de achar bonitas essas manhans, não gosto.

Eo saio passear nessas manhans, mas encontro todos com as mãos no bolso, alguns de luvas e sobretudo, as senhoras de luvas e casaco,

Tambem no inverno ha manhans horriveis, quando chove, porque faz muito frio e lama.

Não tendo mais o que descrever vou terminar.

Coritiba, 11 de Maio de 1907.

Benedicta Fernandes (12 annos de idade)

DESCRIPÇÃO

Uma manhan de inverno

Desappareceram aquellas manhas formosas, aquellas manhans de verão. Os passaros que ha diaz atraz cantavam e, alegres pulavam de galho em galho nos arvoredos, agora sumiram-se. Agora eu só vejo estas manhans tristes, vejo os campos, que outrora eram cobertos de um vêrde escuro, agora cobertos de um grande lençol de geada. Os passaros não cantam mais, fugiram para os logares quentes. Não se vê mais aquelle sol formoso espalhando seos raios fulgurantes por aquelles campos verdes. Agora só se vê um astro escondido pelo branco véo da serração espalhando uma luz fosca sem brilho. Os animaes, coitados seres! não teem quasi mais com que se alimentar. Os campos estão seccos, queimados pela geada.

Coritiba, 11 — 5—907.

Beatriz da Costa Faria (10 annos de idade).

Argus

LINGUA VERNACULA

Levanta-se felizmente uma propaganda cerrada em favor do ensino do vernaculo nas escolas primarias regidas por estrangeiros.

A *Reforma*, de Santa Catharina tratou com muita intelligencia do assumpto, transcrevendo trechos do artigo publicado no *Diario* pelo nosso collaborador Sebastião Paraná.

Agora, no bello relatorio apresentado ao Secretario do interior e justiça do governo de S. Paulo, pelo illustrado inspector geral do ensino Dr. Mario Bulcão, encontramos o seguinte:

«Por mais de uma vez tenho representado sobre a regulamentação da lei n. 489 de 29 de Dezembro de 1896, referente a obrigatoriedade do ensino da lingua vernacula nas escolas estrangeiras.

«Ha no Estado muitas escolas estrangeiras subvencionadas pelos respectivos governos, acto este de patriotismo que nos deve servir de ensinamento, afim de que, por nossa parte, não nos descuidemos de cogitar do interesse do ensino civico daquellas crianças, em sua maioria, nascidas no Brazil e que se acham entregues a professores estrangeiros.

«Em alguns desses estabelecimentos são adoptados livros estrangeiros, procurando-se desenvolver no alumno o conhecimento da lingua de seos paes e formando em seo coração o sentimento ci-

vico extranho aos interesses nacionaes com abandono completo da lingua vernacula !

«Ha institutos subvencionados pelo Estado que seguem, ou pelo menos tentam seguir tal programma, tão contrario aos nossos interesses patrios.

«Existindo a lei que torna obrigatorio o ensino da lingua nacional nas escolas estrangeiras, parece-me acertado continuar a insistir no pedido de regulamentação da mesma para que se possa evitar a continuação dos males já apontados.

«Para que o ensino privado preste reaes serviços parece-me de conveniencia que o governo não permita o estabelecimento de institutos dessa natureza, principalmente para o ensino preliminar, sem que os respectivos professores demonstrem por forma determinada em regulamento especial, conhecimento da lingua portugueza, geographia nacional e historia patria.

«Em anteriores relatorios e officios tenho feito sentir sempre a falta de uma legislação especial para o ensino privado, e indicado a forma pela qual entendo dever ser regulamentada a materia, não só quando se tratar de estabelecimentos novos, como do já em funcionamento.»

SOCIEDADE PROTECTORA ESCOLAR

A convite do Dr. Aurelio Pires, director da Escola Normal de Bello Horizonte, reuniram-se, no dia 5 do corrente, diversos professores e professoras daquelle estabelecimento de ensino, afim de asentarem as bases de uma sociedade de protecção aos alumnos das escolas daquelle capital.

A sociedade, que se intitulará— *A Protectora Escolar*—, terá os seguintes fins immediatos :

- 1.º Collaborar com os professores, no empenho de fornecer aos alumnos das escolas, sem distincções de classes e de posições sociaes, um ensino são, efficaz, moralizador, que lhes esclareça a intelligencia e lhes robusteça o caracter.
- 2.º Auxiliar a «Caixa Escolar», procurando interessar todas as classes sociaes nessa obra patriotica, solicitando-se donativos, constantes de dinheiro, peças de vestuario, fazendas, material escolar, etc;
- 3.º Fornecer, em caso de necessidade, assistencia medica e medicamentos aos alumnos sem recursos ;
- 4.º Criar uma policia escolar, incumbida de auxiliar a disciplina e velar pela hygiene dentro das aulas e pela observancia dos bons costumes nas ruas.

As municipalidades sul-mineiras reuniram-se ultimamente, na cidade de Itajubá, em solenne Congresso, com o fim de adoptar medidas communs referentes áquelle uberrima zona e conducentes á realização do programma que preoccupa o governo todo daquelle Estado.

Damos em seguida as conclusões a que chegou o Congresso de Itajubá, votadas por unanimidade de votos.

Foram :

1.º Porem á disposição do Governo, desde já, os terrenos aráveis e irrigáveis necessários ao ensino primario agrícola em cada municipio, votando o auxillo de tres contos de réis para o estabelecimento desses campos de demonstração, da utilidade do emprego das machinas agrícolas nas culturas communs.

2.º Cotizarem se as Camaras Municipaes com 1:000 000 cada uma e por anno para o estabelecimento de um instituto de ensino secundario technico na zona, com o direito de enviarem para o estabelecimento tres meninos pobres do municipio ou mais, se a respectiva municipalidade votar maior subvenção.

3.º Criar desde já, em cada municipio, premios de animação para os Srs. agricultores que transformarem o methodo rotineiro de cultura em processo aperfeiçoado pela mecanica agrícola e premios para estimularem a criação de animaes.

4.º Organizarem de tres em tres annos uma exposição regional dos productos da zona, com premios de estímulo, devendo a primeira ter logar na cidade de Pouso Alegre.

HYMNO DA FORMATURA

Adoptado na Escola Normal de S. Paulo

I

Eis o termo feliz da jornada
Que á carreira do ensino conduz ;
Foi se a treva que havia na estrada :
Veio o sol e inundou-a de luz,
De mil maguas—milhares de espinhos
Triumphou, através dos caminhos,
Nosso ardente e jovial coração ;
Do trabalho a semente bemdicta
Cáe no seio da terra, e palpita
E logo enche de flores o chão !

II

Estudámos muitissimo, é certo ;
Mas podemos com garbo dizer,
Ao deixar este templo deserto,
Que levamos connosco o saber ;
Proclamar, poderemos felizes,
A justiça dos nossos juizes,
A sentença de quem nos julgou :
Desta casa quem sae galardoado,
Sae de pé, nunca sae humilhado,
Sae talvez mais altivo que entrou !

III

Para nós outra estrada mais larga,
Vae-se abrir sob a luz destes céos ;
E' chegada, portanto, a hora amarga,
De trocarmo-nos, tristes, o adeus !
Seja a magua, que o seio nos punge
O oleo santo daquelle que se unge,—
Para entrar noutra vida melhor ;
Seja um élo esta nossa saudade,
De reciproca e franca amizade,
Cada vez mais sincera e maior !

DR. FREITAS GUIMARÃES.

(Este hymno foi posto em musica pelo Sr. João Gomes Junior, professor de musica da Escola Modelo Caetano de Campos).

PRO LAVOURA

O Sr. Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado do Pará, baixou decreto creando uma Estação Experimental de Agricultura Pratica no municipio de Igarapé-assú.

Estabelecimento de indiscutivel utilidade e, portanto, de grande interesse, entendemos de bom aviso dar alguns informes acerca de sua organização e dos seus fins.

Localizada no municipio de Igarapé-assú á margem da Estrada de Ferro de Bragança, entre as estações de Timbotuva e Peixe-Boi, com uma área de 4 kilometros quadrados, é destinada a Estação Experimental de Agricultura Pratica a dar incremento e desenvolvimento, praticamente, aos processos modernos de cultura no Estado, de modo a tornar mais racional e productiva a exploração dos diversos ramos da lavoura paraense.

De accôrdo com o referido decreto a Estação Experimental terá por fim:

1.º Estabelecer culturas em campos de experiencia e de demonstração, afim de organizar por meio dellas estudos praticos de agricultura tropical, applicando e procurando applicar os meios e processos modernos, tanto chimicos como mecanicos.

2.º Procurar melhorar e facilitar as culturas até hoje usadas, e introduzir novas, das quaes se possa esperar, ou presumir, que sejam aptas ás condições locais.

3.º Introduzir e preparar o emprego de adubos chimicos e de instrumentos aratorios e de machinismo para beneficiar os productos colhidos e para simplificar e baratear o trabalho agricola.

4.º Divulgar entre os colonos e lavradores da zona circumvizinha e de todoo Estado, noções e conhecimentos de agricultura moderna e aquillo que fôr de interesse publico nos resultados obtidos das experiencias realizadas no estabelecimento.

5.º Animar e ensinar, por meio suasorio do exemplo vivo e da experiencia pratica, pondo em relevo as vantagens de um systema agricola intelligente, baseado nas conquistas recentes, as sciencias naturaes applicadas.

6.º Manter um internato para vinte educandos pobres, aos quaes serão dadas a necessaria instrucção primaria, alimentação e noções de agricultura pratica.

7.º Installar, annexa á Estação, uma colonia com cem lotes demarcados, tendo cada um área de 25 hectares mais ou menos, os quaes serão cedidos gratuitamente a colonos nacionaes na fórmula da lei n. 824, de 14 de Outubro de 1902.

8.º Organizar viveiros, afim de crear, propagar e reproduzir eficazmente plantas e arvores frutiferas e industriaes e varios vegetaes de provada ou provavel importancia economica.

9.º Crear um posto zootechnico e um posto metereologico.

10.º Fazer experiencias e estudos sobre forragens nacionaes e estrangeiras acclimata veis.

Muito ha que esmerilhar no excellente relatorio, a que já nos referimos, apresentado pelo illustre dr. David Campista, ministro da fazenda.

E' interessante, por exemplo, a seguinte classificação de rrossas zonas de exportação, de accordo com a posição geographica e natureza dos generos; são cinco as zonas:

1.^a Valle do Amazonas (Pará, Amazonas e Matto Grosso), principal producto de exportação—borracha;

2.^a Extremo Norte (Ceará, Maranhão e Piauhy), produzindo algodão, maniçoba, couros e pelles;

3.^a Norte (Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia), productos principaes: cacáo, assucar, algodão, piassava e fumo;

4.^a Centro (Espírito Santo, Rio Janeiro, Minas Geraes e S. Paulo,) producção: café;

5.^a Sul (Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul), productos principaes de exportação: Gado, cereaes e matte.

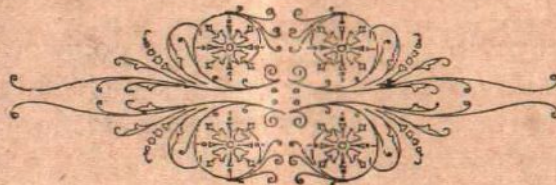
Depois desta classificação diz o relatorio:

«Relativamente, os Estados onde mais se desenvolveo a exportação neste seis annos foram os do Ceará, Piauhy e Maranhão. Seguem-se depois os Estados do Sul, onde o augmento foi de 124,8 % e em terceiro logar os Estados da Amazonia, com 50,4 % de augmento, devido, em parte, á alta da borracha. Os Estados do Norte e do Centro tiveram desenvolvimento muito similar de 16,28 a 17,99 %

Dividindo o Brazil em duas zonas, uma ao norte e outra ao Sul de Espírito Santo, vê-se que a importancia relativa á primeira tem crescido desde 1901, quando toda a sua exportação representava apenas 36,07 % do total do Brazil, emquanto o sul apresentava 63,93%

Hoje, apesar da enorme safra corrente do café, a exportação do Norte elevou-se a 41,18 % descendo a do Sul a 59,82% do.

(Do *Diario*—4—5—1907)



SECÇÃO PERMANENTE

Cadeiras promiscuas :

- 0.^a Josephina Rocha—Escola Carvalho.
- 2.^a Elvira Faria Paraná—Rua Cabral.
- 3.^a Olivina Caron—Grupo Xavier da Silva.
- 4.^a Carolina Moreira » » » »
- 5.^a Maria Ritta de Oliveira—Batel.
- 6.^a Antonia Reginato—Rua Barão do Serro Azul.
- 7.^a Maria do Carmo Gomes—Escola Tiradentes.
- 8.^a Maria Rosa Bittencourt—Rua da Liberdade.
- 9.^a Julia Seiler—Alto de S. Francisco.
- 10.^a Izabel Guimarães Schmidt—Rua Saldanha Marinho.
- 11.^a Maria Correia de Miranda—Jardim da Infancia.

Escolas suburbanas :

- Maria Angela Franco—Juvevê.
Etelvina Taborda—Cajuru.
Julia Martins Gomes—Uberaba.
Julia Alyce Loyola—Santa Quitéria.
Maria da Luz Miró—Colonia Dantas.
Vicentina Pinheiro—S. Nicoláo.
Helena Xavier—Taquatua.
Alice Cornelia Daniel—Batel.
Maria da Luz Mello—Colonia Morgenau.
Guilhermina Lisboa Gomes—Alto do Schaffer.

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PARTICULAR

- Escola Americana—Rua Commendador Araujo.
» Nocturna Republicana—Rua Marechal Deodoro.
» » Municipal—Travessa do Riachuelo.
» de Artes e Industrias—Praça Tiradentes.
» José Carvalho—Praça Zacarias.
» Dante Alighiere—Praça Santos Andrade.
» Allemã—Praça 19 de Dezembro.
» » Particular—Rua 13 de Maio.
» Conceição—Rua do Rosario.
» S. José—Rua Aquidaban.
» Bom Jesus—Praça da Republica.
» Parochial Polaca—Rua 13 de Maio.
Collegio Santa Julia—Rua Conselheiro Barradas.
» Teuto Brasileiro—Rua do Rozario.
» Santos Dumont—Avenida Luiz Xavier.
» Paranaense—Rua Aquidaban.
» Vianna—Rua Loureiro.
» Cleto—Rua Aquidaban.
» Santos Anjos—Rua 15 de Novembro.
» Soledade—Rua Ractcliff.
Seminario S. José—Batel.

Widdowes

St John

Barnes



Miss Gaskell, 41 B

Exhibit 1000